

**FACULDADE DINÂMICA DO VALE DO PIRANGA - FADIP
DIREÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - DPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE E DO AMBIENTE – PROCISA**

RAQUEL RODRIGUES MARQUES

A obtenção da Carteira Nacional de Habilitação como evidência das transformações nas noções de rural e de urbano: um estudo de caso em Abre Campo, Minas Gerais.

**Ponte Nova, MG
Agosto, 2019**

RAQUEL RODRIGUES MARQUES

A obtenção da Carteira Nacional de Habilitação como evidência das transformações nas noções de rural e de urbano: um estudo de caso em Abre Campo, Minas Gerais.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, Mestrado Profissional, da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), como parte das exigências curriculares para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gustavo Santos Cota

**Ponte Nova, MG
Agosto, 2019**

RAQUEL RODRIGUES MARQUES DE SOUSA

A obtenção da Carteira Nacional de Habilitação como evidência das transformações nas noções de rural e de urbano: um estudo de caso em Abre Campo, Minas Gerais.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, Mestrado Profissional, da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), como parte das exigências curriculares para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente.

Aprovada em 09 de agosto de 2019.

Banca examinadora

Prof. Dr. Luiz Gustavo Santos Cota (orientador)
Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP)

Profa. Dra. Cássia Pires Fernandes (titular externo)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG)

Prof. Dr. Rodrigo Siqueira-Batista (titular PROCISA)
Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP)

Prof. Dr. Fabrício Roberto Costa Oliveira (suplente externo)
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Profa. Dra. Lúcia Meirelles Lobão Prott (suplente PROCISA)
Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP)

Dedico inteiramente ao meu filho Miguel, que me instiga a dar além do que possuo e por ser, assim, minha (sobre)vida. Meu imenso agradecimento a você, filho, por ter feito brotar em mim um amor que me salva da precipitação e que exige, sem nenhum resquício de dor e um pouco mais a cada dia, o melhor de mim. Amo-te intensamente.

Agradecimentos

Não sei quantas almas tenho
Cada momento mudei
Continuamente me estranho
Nunca me vi nem acabei
De tanto ser, só tenho alma
Quem tem alma, não tem calma

Fernando Pessoa

À espiritualidade que atravessa a minha existência e me faz sentir que, na palavra, pode-se ter insuficiências humanas sendo trabalhadas com requinte. O desejo maior é que as palavras por mim ofertadas encontrem algum eco nas orfandades que a vida nos colocou.

Aos meus pais, pela herança simbólica.

À minha irmã, por se fazer presente nas minhas melhores memórias e pelas trocas, sempre tão elevadas e profundas.

Ao meu esposo Mardem, por não impedir o meu sonho e por fazer, com alegria e por muitas vezes, tarefas que, antes dos estudos, cabiam a mim. Estou certa de que só no amor cabem tais sacrifícios! Obrigada pelo apoio e pela parceria.

Ao meu orientador Luiz Gustavo Santos Cota, por me ofertar "a luz da sua lanterna" de forma tão generosa e por ensinar-me tanto, com sua tão peculiar inteligência, a mais preciosa dentre todas as lições: a pensar grande e a viver pequeno. As palavras do primeiro dia de orientação, para mim, concretizaram-se: "a nossa parceria será virtuosa". Minha eterna gratidão, fique certo que minha caminhada nunca mais será a mesma.

Aos amigos que suportaram as minhas constantes ausências e mantiveram-me, respeitosamente, do lado de dentro.

A todos aqueles que responderam, voluntariamente, ao questionário e tornaram possível esta pesquisa: espero devolvê-los de forma tão honrosa quanto foi a entrega e a confiança que em mim depositaram. Obrigada!

Traduzir-se
Ferreira Gullar

Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão;
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta

Uma parte de mim
É permanente;
outra parte
Se sabe de repente

Uma parte de mim
é só vertigem
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

De *Na vertigem do Dia* (1975-1980)

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as transformações das noções de rural e, como contraponto, de urbano, constatadas pelas representações sociais e tendo o processo de obtenção/manutenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) como evidência do elo entre esses dois ambientes, no contexto da globalização. O referencial teórico utilizado, no que tange à compreensão das representações sociais, se fia especialmente na obra de Serge Moscovici, a partir da qual foi possível interpretar que as percepções humanas transformaram as noções de rural e de urbano, ao longo do tempo, num processo sócio-histórico, que adentrou o imaginário social e conferiu-lhes novas configurações simbólicas. A pesquisa foi delineada a partir de um conjunto de entrevistas realizadas junto a candidatos e condutores portadores da CNH e outros especificados, habitantes do ambiente rural, no município de Abre Campo, Minas Gerais, a fim de obter informações acerca de suas percepções e experiências a respeito das representações sociais em torno do ambiente rural. A partir dos resultados da mencionada pesquisa, acredita-se que a obtenção/manutenção da CNH seja um dos fatores que mantém o rural em movimento, bem como socialmente participativo das novas saídas globais. Certo é que propiciou uma maior mistura entre tais ambientes (rural e urbano), num processo de hibridização cultural, em que só se pode dizer, nesta nova conformação, em urbanidades do rural e em ruralidades do urbano. Não obstante, percebe-se ainda que o campo necessita de uma remodelação das políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural, a fim de responder satisfatoriamente às novas demandas apresentadas por este ambiente.

Palavras-chave: Rural. Urbano. Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Representações sociais. Globalização.

Abstract:

The purpose of this study is to analyze the changes related to the conceptions of rural and, as a counterpoint, urban areas, and how possessing the National Driver's License (CNH) created a link between these two environments in a globalized context. The theoretical framework used, regarding the understanding of social representations, relies especially on the work of Sèrge Moscovici from which is possible to comprehend that the human perceptions of rural and urban have gradually changed, creating a new symbolic imagery through a socio-historical process. The research was developed after a set of interviews were conducted with volunteers and drivers who have the CNH and other selected individuals, inhabitants of the rural environment, in the municipality of Abre Campo, Minas Gerais, in order to obtain information about their perceptions and experiences in respect to the social representations in the rural areas. The present study and its findings show that it is possible to assert that the possession of a CNH is amongst the factors that have been helping rural areas not only to make progress, but also to maintain its social relevance to global development. It is known for a fact that CNH allowed a greater exchange between rural and urban spaces, creating a process of cultural hybridization, about which we can only say that both movements – the "urbanization of rural areas" and the "ruralization of urban areas" – took place. This new configuration of rural space, therefore, demands new public policies to better address the rural development.

Keywords: Rural. Urban. National driver's license (CNH). Social representations. Globalization.

Lista de Abreviaturas

CNH: Carteira Nacional de Habilitação

DETRAN-MG: Departamento Nacional de Trânsito de Minas Gerais

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TRS: Teoria das Representações Sociais

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Lista de gráficos

| | |
|--|----|
| Gráfico 01: Escolaridade..... | 39 |
| Gráfico 02: Entrevistados por renda..... | 40 |
| Gráfico 03: Ocupação dos entrevistados..... | 41 |
| Gráfico 04: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que a atual geração de pessoas que vivem no campo acredita que a vida ali é melhor hoje do que antes?”, segundo o nível de escolaridade..... | 43 |
| Gráfico 05: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que a atual geração de pessoas que vivem no campo acredita que a vida ali é melhor hoje do que antes?”, segundo a classe de renda..... | 44 |
| Gráfico 06: Se os habitantes do campo possuem o mesmo nível de informação que aquelas da cidade..... | 45 |
| Gráfico 07: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que os habitantes do campo têm o mesmo nível de informação dos habitantes da cidade?”, segundo o nível de escolaridade..... | 46 |
| Gráfico 08: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que os habitantes do campo têm o mesmo nível de informação dos habitantes da cidade?”, segundo a classe de renda..... | 47 |
| Gráfico 09: Se os valores das pessoas que vivem no campo são parecidos com as da cidade..... | 48 |
| Gráfico 10: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que o que é importante para as pessoas do campo é parecido com o que é importante para as pessoas da cidade? Elas valorizam as mesmas coisas ou coisas bem próximas?”, segundo o nível de escolaridade..... | 49 |
| Gráfico 11: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que o que é importante para as pessoas do campo é parecido com o que é importante para as pessoas da cidade? Elas valorizam as mesmas coisas ou coisas bem próximas?”, segundo a classe de renda..... | 50 |
| Gráfico 12: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que a atual geração dos habitantes do campo tem mais orgulho em dizer que são dali do que as gerações passadas?”, segundo o nível de escolaridade..... | 50 |
| Gráfico 13: Distribuição percentual de respostas para a pergunta ““Você considera que a atual geração dos habitantes do campo tem mais orgulho em dizer que são dali do que as gerações passadas?”, segundo a classe de renda..... | 51 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Introdução..... | 11 |
| Capítulo 1- Referencial teórico: as transformações da ruralidade entre representações sociais, hibridismos e a globalização..... | 20 |
| As representações sociais da ruralidade..... | 20 |
| Globalização e modernidade líquida..... | 25 |
| Hibridização cultural: campo x cidade..... | 31 |
| Capítulo 2- Metodologia empregada no estudo..... | 36 |
| Capítulo 3: Discussão e apresentação dos resultados da pesquisa..... | 39 |
| Capítulo 4: Discussão sobre o processo de desenvolvimento e aplicação do produto educacional: documentário..... | 53 |
| Considerações finais..... | 55 |
| Referências..... | 58 |
| Apêndices..... | 60 |
| Apêndice A – Questionário de pesquisa..... | 60 |
| Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)..... | 64 |
| Apêndice C - Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos..... | 68 |
| Apêndice D – Roteiro de produção do documentário..... | 69 |
| Apêndice E – DVD Produto Educacional (documentário)..... | 75 |
| Anexo A | 76 |
| Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga..... | 76 |

Introdução

Ao contrário do que o senso comum muitas vezes aponta, o conceito de ambiente é deveras polissêmico, sendo em si, muito mais um constructo social do que uma “paisagem estática”. São as próprias comunidades que ocupam o ambiente que tratam de compor sua definição, e não o contrário. São as vicissitudes humanas que definem os contornos gerais da consciência em torno de um ambiente em si, construídos e reconstruídos a partir das modulações apresentadas pela própria comunidade/grupo social, proprietária de suas especificidades territoriais, vocacionais e culturais. Assim, as definições de um ambiente devem sempre ser relacionadas à maneira como sua comunidade de pertença lhe confere sentido, com seus valores e carências, elementos vivos de seu protagonismo sociopolítico, ao invés de imagens exógenas, projetadas de fora para dentro.

Segundo Campos (2015), “a comunidade, seja geográfica – um bairro – ou psicossocial – por exemplo, os colegas de profissão – é o lugar que grande parte da vida cotidiana é vivida” e completa Góis (1993, p. 09) que, para que haja a iniciativa de ações transformadoras autônomas dentro de determinado grupo social, é imprescindível “que levassem em consideração a necessária vinculação entre condições objetivas de vida e processos psicológicos”.

No caso do presente trabalho, a palavra comunidade refere-se aos sujeitos que habitam o ambiente rural, considerando-se as noções de sujeito, bem como a de ambiente como construções sócio-históricas. Neste sentido, a psicologia comunitária, como área da psicologia social:

estuda a atividade do psiquismo decorrente do modo de vida do lugar/comunidade; o sistema de relações e representações, identidade, níveis de consciência, identificação e pertinência dos indivíduos ao lugar/comunidade e aos grupos comunitários. Visa ao desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos e comunitários, através de um esforço interdisciplinar que perpassa o desenvolvimento dos grupos e da comunidade (GÓIS, 1993 apud CAMPOS 1996, p.11).

Partindo desse pressuposto pode-se definir os habitantes do ambiente rural como integrantes de uma comunidade que merece uma análise da realidade social, política e histórica.

Variadas análises foram feitas por pensadores contemporâneos a respeito das categorias campo/cidade e rural/urbano e, como consequência, surgiram três abordagens que almejaram fornecer explicações aos questionamentos levantados:

a dicotômica, a de *continuum* e a de permanência de ruralidades (REIS, 2006, p. 03)

A dicotômica refere-se à tese de que o campo estaria restrito à produção agropecuária, enquanto a cidade se restringiria à produção industrial, sendo dada ênfase às diferenças que marcam esses dois espaços, “pois o rural é visto como sinônimo de atraso e o urbano como sinônimo de moderno” (JACINTO; MENDES; PEREHOUSKEI, 2012, p. 178). Essa visão ainda é presente, em certas instituições, que têm o ambiente rural apenas como o local que se realiza a produção agropecuária (HESPAÑHOL, 2013, p. 107).

A de *continuum* assenta-se no argumento de que há uma interligação, uma continuidade entre as formas de vida e de trabalho rurais e urbanas, portanto, há uma homogeneização dos aspectos socioculturais e econômicos. Para alguns autores desta linha, há uma decretação do fim da realidade rural (HESPAÑHOL, 2003, p. 108), enquanto para outros, rural e urbano são próximos, mas não são opostos, o que não decretaria o fim do rural (JACINTO; MENDES; PEREHOUSKEI, 2012, p. 180). O que os autores estão de acordo é que se deve falar em urbanização no rural e não do rural, como defesa da permanência de diferentes ruralidades derivadas das particularidades de cada lugar, onde o rural é visto como categoria de análise (JACINTO; MENDES; PEREHOUSKEI, 2012, p. 175). As particularidades são constatadas pelas representações sociais, onde há uma memória social¹ relativa a essas diferenças, não havendo, portanto, uma homogeneização dos espaços rurais, mas sim, diferentes ruralidades (HESPAÑHOL, 2003, p. 108).

Os conteúdos de ruralidade e urbanidade podem extrapolar seus espaços de origem, ou seja, no rural pode haver práticas urbanas e no urbano pode haver práticas rurais, de forma que assim faz-se uma análise mais completa da realidade. Apesar de campo e cidade terem particularidades, há cada vez menos diferenças nos valores e nos níveis de informação dos habitantes das zonas rurais e urbanas, pois o que há “é um território híbrido, onde urbano e rural se interagem” (NUNES; PINTO, 2009, p. 07).

¹ Sobre o conceito de memória social ou coletiva ver os trabalhos clássicos de Michael Pollack (1989) e Maurice Halbwachs (1990).

Aliado às divergências conceituais estabelecidas entre os pensadores, adentra-se no propósito do presente trabalho: "as representações sociais historicamente construídas sobre esses arranjos socioespaciais e suas populações" (NUNES; PINTO, 2009, p.02). É a partir desse ponto que se fará um breve recorrido sobre as construções históricas dos pares dialéticos campo/rural e cidade/urbano, para um delineamento posterior a respeito das mudanças na percepção da população sobre tais pares, ao longo do tempo.

O capitalismo não acabou com o rural e com o campo, mas, no século XX, tais domínios tiveram a sua lógica afetada por ele com a modernização da agricultura, que aconteceu na década de 1960. O camponês que não pôde aderir às inovações entrou em novas frentes pioneiras, tornando-se assalariado ou então teve que se retirar e se desfazer da sua terra, devido à impossibilidade de concorrência comercial com os grandes latifúndios que se instalaram nesse momento, ou seja, a lógica capitalista direcionou as condições de existência do rural e do urbano. Parecia desenvolvimento, mas estava apenas travestido de desenvolvimento, pois a modernização:

...atinge características conservadoras e contraditórias, à medida que não cria mais empregos no campo, ao invés disto, expropria o pequeno produtor e acentua o processo migratório entre campo e cidade (NUNES; PINTO, 2009, p. 03).

Até os anos 1950, a sociedade brasileira ainda era essencialmente rural quando teve o seu perfil demográfico invertido e atualmente ela é, segundo os critérios normativos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), essencialmente urbana. Essa mudança foi devido ao processo migratório acima citado, fenômeno conhecido como êxodo rural, ocorrido a partir da década de 1960 (HESPAÑOL, 2013, p. 105).

Com a modernização dos equipamentos agrícolas e com a chegada de novas tecnologias no espaço rural, houve uma mudança significativa na percepção do homem do campo, pois as relações rural/urbano, antes com diferenças tão marcantes passaram por mudanças que resultaram em novas dinâmicas e na necessidade de ressignificações aos conteúdos de rural e urbano, conforme nos afirma Hespanhol (2013). Ainda segundo essa autora, esse processo de

modernização tecnológica ampliou as relações agricultura-indústria, o que culminou numa tendência à urbanização.

O campo, neste momento, é associado ao retrocesso e à imagem de passado e a cidade ao progresso e à imagem de futuro. Portanto, o habitante do campo não é mais o trabalhador rural, mas sim um homem desocupado ou descansando temporariamente da cidade. O campo é visto por ele, neste momento, como refúgio e remédio para cuidar das feridas da turbulenta cidade, mas definitivamente morto pela revolução industrial e, consequentemente, pelo capitalismo.

Neste ínterim, o rural, como ambiente para se viver, era o lugar do atraso e, portanto, as pessoas que ali viviam eram desconhecedoras do saber, descuidadas e “jecas”. Este imaginário foi fortalecido por figuras como Chico Bento, Jeca Tatu e por literaturas regionalistas como, por exemplo, os Sertões, onde Euclides da Cunha busca a construção identitária da alma nacional ao revelar o sertão e a figura de Hércules-Quasímodo, figura rude e forte, que construiu sua vida em total sintonia com o meio ambiente e reforçando a identidade nacional como sendo a sertaneja.

No entanto, com o crescimento desordenado das grandes cidades e a criação de largas periferias, também apareceram os problemas. As cidades não conseguiram absorver todo o contingente populacional envolvido no êxodo rural, devido a diversos problemas com saúde, habitação, infraestrutura, prestação de serviços, falta de saneamento básico, desemprego, déficit de políticas públicas, transporte, educação, incluindo a violência como um fenômeno social também generalizado. Como resultado, o campo voltou a ser repensado não só como um lugar de práticas agrícolas, mas também um lugar para se viver, emergindo novas ruralidades, em que se destacam o turismo (chácaras de lazer, pesque-pague, spas, resorts), moradias secundárias para a classe média urbana e prestação de serviços (jardineiros, caseiros) (BIAZZO, 2008, p. 136).

Neste momento, o rural associa-se à qualidade de vida e contato íntimo com a natureza enquanto algo sagrado, aparecendo, neste contexto, os condomínios fechados, chácaras, pousadas, pesque-pagues, que reforçaram o imaginário do campo com uma descrição idílica do bem-viver (HESPAÑHOL, 2013, p. 104).

O que vem a ser então o imaginário citado nestas construções de rural e de urbano? A imaginação social foi fortemente investigada como categoria de análise na década de 1960. O entendimento que se deu ao conceito ultrapassou os limites

do plano simbólico e ganhou marcas materiais, servindo como instrumental para toda uma montagem política (MAGALHÃES, 2016, p. 94).

Como a base do conceito é de natureza política, também é marcado por conflitos que procuram ter a posse e o controle das representações coletivas, através de um discurso que não é neutro e que, portanto, está carregado de interesses próprios. As práticas discursivas estão abastecidas por estratégias de poder e dominação, “que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Segundo Chartier, o processo que origina o conhecimento do mundo social é advindo das “classificações, divisões e delimitações produzidas por intelectuais, grupos e classes sociais” (CHARTIER, 2002, p. 95) e que entendê-las é de suma importância para apreender as formas de dominação nele contidas.

Entender as estruturas formadoras de tais classificações pertencentes a cada grupo ou classe constituiria, portanto, “uma forma de investigar as demarcações da organização social a partir das categorias mentais e representações coletivas” (MAGALHÃES, 2016, p. 95).

As representações e classificações são históricas, pois são produzidas por discursos sociais e políticos em constante conflito e, consequentemente, mudam ao longo do tempo e nos diversos espaços sociais.

As noções de urbano e de rural, como já configuradas, sempre estiveram engendradas num espaço de luta em que, o que se constituiu como ideia de mundo para um buscou impor-se sobre o outro, ganhando legitimidade por sua capacidade de “fazer crer”. Para Chartier, “é do crédito dado (ou recusado) às representações que um poder político ou que um grupo social propõe de si mesmo que depende a autoridade do primeiro e o prestígio do segundo” (CHARTIER, 2002, p. 172).

Para Bourdieu, a busca pela dominação simbólica entre grupos ou classes, acontece através das práticas discursivas ou através do fundamento da superioridade *versus* inferioridade.

O campo, segundo Bourdieu, define-se como:

Um sistema de desvios de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos que eles produzem, tem sentido senão relationalmente, por meio do jogo de oposições e das distinções (BORDIEU, 2007, p. 179).

O campo é, portanto, o *lócus* de manifestação do poder e é caracterizado por ser um espaço dinâmico, visto que “a posição (dominante/dominado) se dá através do volume e peso de capital (econômico, cultural, político, social) que cada agente ou grupo possui” (MAGALHÃES, 2016, p. 98)

Para Bourdieu, o campo político é o lugar de contestação entre os grupos, ou seja, espaço de luta pelo monopólio e pelo controle de bens simbólicos, em que “a produção das ideias acerca do mundo social acha-se sempre subordinada de fato à lógica da conquista do poder” (BOURDIEU, 2007, p. 175).

Acontece assim: o porta-voz toma posse da palavra de um grupo (ou de seu silêncio), bem como de sua força e contribui ao proferir uma palavra que tenha legitimidade dentro do campo político. Em meio aos conflitos, a posição de um indivíduo dentro do campo será determinante na relação dominante/dominado, considerando a contribuição de volume e valor atribuído àquele grupo.

Para Cornelius Castoriadis (2010), as categorias racionais se solidificam e se alastram no tempo, carregando significados que pertencem ao imaginário. Comentando a premissa de Castoriadis, Magalhães afirma que “o imaginário se constitui a partir de uma rede simbólica que estrutura os modos de percepção dos indivíduos” (2016, p. 102).

Castoriadis entende que a constituição e organização de cada sociedade acontece por seu modo de ser particular, a partir das significações imaginárias sociais que ergueram a sociedade em questão, concluindo que “a instituição do mundo comum é de cada vez, necessariamente, instituição daquilo que é e não é, vale e não vale, como do que é factível e não factível, tanto no exterior da sociedade como no interior desta” (CASTORIADIS, 2010, p. 415 e 416). Ou seja, toda a direção e orientação do mundo social são dadas pelo imaginário, visto possuir como característica a capacidade de anteceder a realidade (o que se entende por ela) e, portanto, construir-se como produto daquele (o imaginário).

Em suas palavras:

O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos (CASTORIADIS, 2010, p.13)

A nossa língua é, portanto, histórica, uma vez que a mediação é feita desde o nosso nascimento, através das palavras que repassam os significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura e, a partir daí, determinam uma visão de mundo, um sistema de valores e, consequentemente, ações, sentimentos e emoções dela decorrentes.

Rural e urbano não são realidades, mas representações dela. Portanto, é em função das representações que se movem indivíduos e coletividades (OLIVEIRA, 2004, p. 183).

Raymond Willians, em seu livro “Campo e Cidade - na história e na literatura”, conta sobre o deslumbramento com que desvendou a cidade e como era representada a vida que havia tido no campo, através dos livros aos quais teve acesso na cidade. Também mostra a sua dificuldade em se posicionar com relação à sua própria experiência de habitante do campo e a como ela era representada pelos escritores da época.

Relembro agora, com ironia, que foi apenas depois de chegar à faculdade que conheci, através de gente citadina, dos acadêmicos, uma versão influente do que realmente representava a vida campestre, a literatura campestre: uma história cultural preparada e convincente. Li também coisas correlatas, em livros eruditos e em obras escritas por homens que saíram de escolas particulares para ir trabalhar numa fazenda, e por outros que foram criados em aldeias e agora são escritores do campo – todo um conjunto de livros e periódicos, notícias e jornais: a vida campestre. E me vejo fazendo a mesma pergunta por causa da história: onde me situo em relação a esses escritores – num outro campo ou nesta cidade que dá valor às coisas? (WILLIAMS, 1989, p.17-18)

Nota-se que as representações dependem do próprio grupo social a que estão inseridas e que não há um novo rural, mas sim novas imagens e novos sentidos para esse espaço ao longo de um percurso histórico (NUNES; PINTO, 2008, p. 06)

Além desse necessário conhecimento, faz-se imprescindível contextualizar o rural e, como contraponto, o urbano, na perspectiva da globalização: do avanço da técnica, da ciência e da informação que disseminaram o espaço geográfico, gerando o entendimento de que há a impossibilidade de se fazer uma divisão entre o rural e o urbano, em termos de uma dinâmica socioespacial simplista, pois as distâncias não existem, no sentido de que “cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros” (SANTOS, 2001, p. 26).

Com isso, as localidades perderam a capacidade de gerar sentido e se tornaram cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, pois as saídas serão globais e não mais locais (BAUMAN, 1999, p.8).

Ademais, a era pós-moderna ou líquida também não contempla um núcleo organizador unificado, rígido e estável que oriente suas práticas, ao contrário, suas estruturas não se verticalizam nunca, pois estão sempre se dissolvendo muito brevemente e tendo que ser reconstruídas sem um parâmetro para tal. A sociedade precisou ser pensada como uma rede, descentrada, possuindo uma “pluralidade de centros de poder” (HALL, 2011, p. 17).

O rural e o urbano também precisam ser revistos nesta perspectiva da rede, pois como fica a condição existencial do habitante do campo, sujeito desta pesquisa, que decidiu por permanecer na sua localidade, vista como privação e degradação social?

A pergunta que se faz tem a ver com a condição humana, com a capacidade de doar e de receber sentido, pois, “não se pode ficar parado em areia movediça” (BAUMAN, 1999, p.86).

Dentro desse contexto, percebe-se que o campo incorporou hábitos urbanos em virtude da melhoria da infraestrutura, do intenso fluxo de informações veiculadas pela mídia, de melhorias nas vias e por fim, da aquisição dos veículos automotores ou acesso facilitado aos meios de transporte. Dessa maneira, acredita-se que a obtenção/manutenção da CNH (Carteira Nacional de Habilitação) possa ser um fator importante para manter o rural em movimento, para torná-lo num lugar propício para se viver e não somente um espaço para práticas agropecuárias antes submissas ao mercado por ter sua produção direcionada por ele e, portanto, não mais visto com desconfiança pelos investidores (das esferas públicas e também privadas) por ser considerado um lugar vulnerável aos comandos do mundo urbano. (NUNES; PINTO, 2009, p. 02).

Campo e cidade parecem, por fim, se misturar de alguma forma, pois:

Tudo indica que o desenvolvimento do capitalismo está soldando a união contraditória da agricultura e da indústria, do campo e da cidade, que ele mesmo separou no início de sua expansão (JACINTO; MENDES; PEREHOUSKEI, 2012, p. 174).

Com base nestas preliminares considerações, o objetivo geral desta pesquisa é, justamente, analisar as transformações das noções de rural e urbano

pensando-se em um elemento que constrói um elo entre estes ambientes, a saber, o processo de obtenção/manutenção da CNH, tendo como fio condutor a globalização.

Não obstante, objetivou-se ainda investigar um conjunto de propósitos específicos que tinham como escopo avaliar se a obtenção da Carteira é um fator de alteração na representação social de rural e de urbano para os habitantes do meio rural; e averiguar se, havendo mudança na representação social, há um impacto no bem-estar, na permanência e no sentimento de pertencimento do homem do campo; e por fim, buscou-se a construção de um produto educacional que pudesse apresentar e traduzir, de maneira lúdica e fluida, os resultados do trabalho, especialmente no que tange ao universo das representações sociais vigentes no cenário pesquisado.

Segundo Hespanhol (2013), o campo está cada vez mais parecido com a cidade, principalmente nas relações de consumo. Neste sentido, faz-se necessário compreender como as representações e noções constituintes deste ambiente, em contraposição à cidade, têm se transformado, especialmente no esteio da ação do processo de globalização.

No primeiro capítulo é apresentado o referencial teórico do trabalho, composto por uma discussão atinente aos conceitos de Representação Social (Serge Moscovici), Globalização (Milton Santos, Stuart Hall, Zygmunt Bauman) e Hibridização Cultural (Ernesto Garcia Canclini), bem como considerações conceituais em torno do ambiente rural e urbano (José Eli da Veiga).

No segundo capítulo é apresentada a metodologia empregada no estudo.

No terceiro capítulo são apresentados os resultados da pesquisa e as análises dela decorrentes.

Por fim, o quarto capítulo apresenta os contornos de desenvolvimento e aplicação do produto educacional, vinculado ao presente trabalho.

Capítulo 1 - Referencial teórico: as transformações da ruralidade entre representações sociais, hibridismos e a globalização.

As representações sociais da ruralidade

Os conceitos de rural e urbano eram lidos, geralmente, como categorias operatórias que vislumbravam o corte rural/urbano como diferenciação espacial. Historicamente, houve o entendimento de que tais conceitos são conteúdos que carregam uma visão de mundo de cada indivíduo e que se combinam nos atos, portanto, obedecem a uma categoria analítica (BIAZZO, 2008, p.134).

O conceito de rural, tanto ao que tange os aspectos psicossociológicos ou mesmo geográficos, vem passando por transformações ao longo dos séculos e, portanto, correspondem a um percurso histórico que precisa ser melhor delineado.

O aspecto psicossociológico diz respeito à definição de um ambiente que foi construído em contraposição ao urbano e adquiriu características próprias e isoladas. No entanto, tais características ultrapassaram os limites do plano simbólico e ganharam marcas materiais no imaginário social, através das representações sociais. As representações influenciam sobremaneira os atos individuais, pois definem o que deve ser reforçador ou punitivo em uma determinada sociedade ao atribuir significados às práticas advindas, o que justifica as mudanças na percepção de rural e do que seria a vida do homem do campo, ao longo do tempo.

No âmbito geográfico, as particularidades contrapostas de cada ambiente definiam o que seria urbano ou rural, pois as fronteiras eram rígidas e obedeciam a uma territorialidade específica. No entanto, a dicotomia rural-urbano necessitou ser substituída pelas novas interdependências funcionais e espaciais, uma vez que “uma abordagem somente demográfica se torna frágil, pois não dá conta de algumas especificidades vocacionais de pequenos municípios” (TAVARES, 2003, p. 40).

Foi a partir do início dos anos 1990 que houve uma necessidade de se recontextualizar o rural, uma vez que se pensou (erroneamente) estar superada e resolvida a contraposição ao urbano, em virtude do processo de modernização tecnológica que havia consolidado tão fortemente a união da agricultura com a indústria, resultando numa propensão à urbanização (HESPAÑOL, 2013, p.104).

Para Biazzo (2008), as mudanças ocorridas na sociedade brasileira contemporânea aproximaram o estilo e padrão de vida dos habitantes do meio urbano e do campo. Afirma ainda que importantes contribuições já foram dadas no sentido de distinguir campo de rural e cidade de urbano ou até mesmo ressignificar tais expressões, mas parecem sempre cair numa visão reducionista do tema. Isso acontece porque o rural “não é uma realidade empiricamente observável, mas uma representação social, definida culturalmente por atores sociais”. (TAVARES, 2003, p. 39)

Tal conceituação é comprovada pelo agrônomo e economista brasileiro, José Eli da Veiga, ao constatar que um dos maiores entraves ao desenvolvimento da sociedade brasileira é a força com que o destruidor mito da intensa urbanização invadiu o pensamento da sociedade brasileira (VEIGA, 2001, p. 101).

O processo de construção coletiva enquanto determinante de atos individuais foi proposto pela primeira vez pelo funcionalista Émile Durkheim e resgatado por Sérgue Moscovici, romeno naturalizado francês, dono de uma obra considerável da psicologia que se denominou Teoria das Representações Sociais (TRS) em que estuda o impacto da introdução da Psicanálise na sociedade parisiense. Ao elaborar a resposta para a diferença teórica proposta por Durkheim, Moscovici relata haver uma fratura nas forças coletivas, pois elas não conferem um sentido universal. Desta forma, para ele “representar é um processo de produção de conhecimento que funciona como que rolando por sobre estruturas sociais e cognitivas, sendo, portanto, sociovariável” (OLIVEIRA, 2004, 183).

Seu trabalho resulta em três pontos que são objetos de sua obra, que seguem: 1) havia uma diferença entre o que se acreditava ser a Psicanálise e o que de fato ela era, ou seja, como era representada; 2) a representação mudou de acordo com o conhecimento de senso comum e do contexto sociocultural; 3) quando aparece algo novo na sociedade o ato de representar obedece a uma “amarração”, que é empenho em aproximar o desconhecido de algo já conhecido (nomeado posteriormente como "ancoragem") e após acontece a “objetivação”, que é o processo de introdução de imagens reais e concretas ao novo conceito emergido (OLIVEIRA, 2004).

Moscovici (2015), no capítulo intitulado "O pensamento considerado como ambiente" (p. 29), afirma que não se pode apreender o mundo tal como ele é,

rebatendo o argumento que estabelece a interação esperada entre ser humano e ambiente, objeto da psicologia social, e que prevaleceu por muito anos:

O que nos distingue é a necessidade de avaliar seres e objetos corretamente, de compreender a realidade completamente; e o que distingue o meio ambiente é sua autonomia, sua independência com respeito a nós, ou mesmo, poder-se-ia dizer, sua indiferença com respeito a nós e a nossas necessidades e desejos (MOSCOVICI, 2015, p. 30).

Como o nosso sistema perceptivo pode captar alguns estímulos e representá-los de uma forma ou de outra? É essa a pergunta para delinear o trajeto de como “o mito da urbanização” de que fala Veiga adentrou com tanta intensidade no imaginário social da sociedade brasileira: “Repete-se que 81,2% da população era urbana em 2000, sem saber que essa proporção resulta de uma conta das mais tolas de que se tem notícia” (VEIGA, 2001, p. 101).

Moscovici elenca alguns fatos que contradizem a pressuposição anterior e que expõem como se efetiva a interferência de tais representações. Em primeiro lugar “não estamos conscientes de algumas coisas bastantes óbvias” (2015, p. 30), pois, a partir do momento que tais coisas passam pela percepção das pessoas, e que buscam comprehendê-las, a fazem carregando consigo sua imaginação, o que, por si só, já decreta uma fragmentação da realidade”. Em segundo lugar, “alguns fatos que nós aceitamos sem discussão, repentinamente transformam-se em meras ilusões” (2015, p. 31), o que mostra que tal evento só é possível quando uma nova imagem é acoplada ao entendimento da questão. Por último, “nossas reações aos acontecimentos (...) estão relacionadas a determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos” (2015, p. 31), ou seja, um conjunto de signos que se mostram frequentemente visíveis serão sempre interpretados da mesma maneira, ainda que em situações adversas. O autor adverte ainda:

Eu não quero dizer que tais representações não correspondem a algo que nós chamamos de mundo externo. Eu simplesmente percebo que, no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos como cognitivos, estão ajustados. (MOSCOVICI, 2015, p. 32).

Veiga atenta que as classificações como cidade ou campo obedecem ao critério de densidade demográfica e que também não observam características geográficas. Entre os censos de 1991 e 2000, por exemplo, houve uma queda na

participação de habitantes em municípios essencialmente rurais (de 32,5% para 30,4%), contudo, não se averiguou que, “em um quarto dos municípios essencialmente rurais houve crescimento populacional bem superior ao dos urbanos” (VEIGA, 2001, p. 101), dados esses que desmistificam a ideia de que o Brasil seja essencialmente urbano e de que não haja movimentos de resistência à sua massiva urbanização.

Tais discursos continuam sendo propagados, pois estão sustentados por uma rede simbólica e, após, são carregados para o mundo social, que lhes confere um valor de real, de concreto, adentrando o imaginário social. Entende-se, portanto, que não há informação que não tenha sido destorcida, por força das imagens e hábitos, por memórias do que, na maioria das vezes, nem se viveu, mas restou preservado por meio do poder simbólico da linguagem, pelos atravessamentos culturais e suas manifestações de poder na sociedade.

Esses levantamentos acima expostos levam à reflexão que, segundo Veiga, vem sendo ignorada:

Em primeiro lugar, que é pura ilusão encarar a população rural como uma minoria condenada à extinção por volta de 2030 (...). Em segundo, que a cadênciça da migração rural-urbana da última década impede que se fale genericamente do “êxodo rural” (VEIGA, 2001, p. 101).

Para chegar-se a uma equação mais acertada referente à diferenciação geográfica na definição do que seja o rural e o urbano, o ideal seria buscar explicações econômicas para tais marcadores demográficos, pois, raramente, investiga-se o peso da organização econômica na distribuição espacial da população. Neste ponto está outro grande entrave à reconstrução simbólica para o progresso do país:

a poderosíssima, embora anacrônica, confusão que continua a se fazer neste país entre economia rural e economia agrícola, ou agropecuária. É assustador perceber quanto os intelectuais brasileiros (...) têm dificuldade de entender que no espaço rural também existem os setores secundário e terciário. (VEIGA, 2001, p. 102).

Conforme indica José Lei da Veiga, as pesquisas sobre economia rural apontam que a renda das atividades dos setores secundário e terciário já são maiores que as do primário, o que mostra que essa confusão é bastante preocupante para uma explicação mais fidedigna da questão.

Nota-se que determinadas regiões rurais do Brasil apresentam alto desempenho econômico, demonstrando que não há definhamento na economia rural, mas sim uma variação dela.

Atualmente, pequenas empresas: comerciais, artesanais ou protoindustriais – o que corresponde à fase mais arcaica do processo de industrialização -, são constituídas por famílias empreendedoras estabelecidas em ambientes agrícolas. Muitas vezes, com o intuito de atender a uma demanda concreta da atividade exercida, essas famílias necessitam também abarcar outras atividades fora do contexto agropecuário, fazendo-as “pluriativas” (VEIGA, 2001, p. 103). Como consequência, também são criadas novas demandas para outros empreendimentos inseridos na região.

A questão emergente é: quais novos rumos precisam ser delineados para o desenvolvimento do Brasil rural? Para o enfrentamento da evolução da pobreza nas regiões mais precárias do Brasil rural, deve-se haver um acerto nas desigualdades sociais, aliado à confiança no crescimento econômico.

Acredita-se que a solução esteja na correção das “desvantagens históricas e geográficas que habilitem o pobre a produzir mais” (VEIGA, 2001, p. 106), através do estabelecimento de políticas públicas de estímulo ao desenvolvimento regional.

A experiência diz que o fato de alguns municípios serem mais atraentes que outros está na “habilidade de suas prefeituras em utilizar programas sociais – principalmente federais – que permitem ampliar e melhorar a oferta de serviços públicos básicos”, e estes últimos, aliados ainda à investimentos em infraestrutura, acesso à terra e à moradia etc., têm feito o diferencial em termos de crescimento econômico (VEIGA, 2001, p. 107).

Pensando num país que construiu seu eixo de desenvolvimento rural com base em uma falácia, Veiga (2001) denomina esse contexto como uma manutenção de uma “dupla trapalhada”: “que combina o mito de um Brasil hiperurbanizado com a ignorância sobre o peso dos serviços e da indústria na economia rural” (p. 102).

Esse caminho realizado se justifica para comprovar que o que vingou como conceito de rural, ao longo do tempo, foi delineado pelo imaginário social, ou seja, alicerçado em uma rede simbólica presente no cotidiano dos indivíduos, que lhe confere um valor real, concreto, pois buscam dar sentido a uma condição ou posição nos diversos espaços sociais e lhes fornece um aparato político (MAGALHÃES, 2016, p. 94).

Globalização e modernidade líquida

Contextualizando a passagem da fase sólida para a fase líquida da modernidade, Zigmunt Bauman, o sociólogo polonês, diria que, em tempos sólidos, rural é rural e urbano é urbano, sem nenhuma permissão à hibridização, à mistura, pois a fase sólida é definida por ter organizações sociais como “estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável” (BAUMAN, 1999, p.07) e que, na era moderna, essas estruturas não se fixam por muito tempo, porque há a necessidade de que sejam brevemente reconstruídas sem que haja um parâmetro para tal, uma vez que as ações são sempre horizontalizadas e não se verticalizam nunca, por dissolverem-se antes, no tempo.

Quando a informação se disseminou no espaço geográfico, tornou a dinâmica socioespacial ainda mais complexa para a definição de campo e cidade como formas espaciais, deixando determinado, a partir daí, que o meio técnico-científico-informacional é característico não apenas da vida urbana, mas também do mundo rural (HESPAÑOL, 2013, p. 109). E, apesar da evidente aproximação entre campo e cidade, que atenua a diferença entre eles, as concepções de campo e da vida rural mantiveram-se arraigadas, por muito tempo, ao imaginário que se tinha deles e não condizente, ao que de fato era, onde “o campo aparece associado à natureza e a cidade à mundanidade, sendo o contraste o cerne das representações” (NUNES; PINTO, 2009, pp.07, 10, 11).

Seguindo esta linha de pensamento comprehende-se que se faz necessário traçar um novo perfil do habitante do meio rural. Um perfil que ultrapassa o estereótipo que sobreviveu durante décadas que associava o homem do campo ao comodismo e a uma vida sem perspectivas maiores, ou seja, a história criou símbolos através de figuras, tipos e mitos que representam indivíduos e coletividade para uma sociedade em busca de definição (NUNES; PINTO, 2009, p. 12).

A guisa de exemplificação, podemos citar o clássico personagem Jeca Tatú, do autor Monteiro Lobato, que só fez reforçar a ideia de que as pessoas que vivem no campo são jecas, preguiçosas, descuidadas da aparência e desconhecedoras do saber técnico, como mostra a obra “Jeca Tatuzinho”, de autoria de Monteiro Lobato: “Além de preguiçoso, bêbado, e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam” (MONTEIRO LOBATO, 1961, p.331).

Com as mudanças no espaço e, portanto, na sociedade rural, os habitantes do campo incorporaram hábitos advindos do urbano, em decorrência do melhor fluxo de informação, melhores estradas, aquisição dos veículos automotores, etc. e o urbano, por sua vez, aderiu a hábitos antes exclusivamente rurais, por meio da construção de pequenas hortas, manutenção de pequenos animais nos quintais, etc. (HESPAÑHOL, 2013, p. 109), trazendo novas possibilidades por e através dessa aproximação. Uma dessas possibilidades pode vir a ser a obtenção da CNH como busca pela autonomia, independência, como uma forma de legitimar um novo espaço social, cultural e de consumo, pois, como visto, o campo não é mais tão rural e a cidade não é mais tão urbana.

Essas mudanças no novo cenário impossibilitaram a rígida divisão entre rural e urbano, pelo menos em termos de uma dinâmica socioespacial simplista, necessitando agora de uma releitura e de uma reinterpretação desses conteúdos.

Bauman em seu livro “Globalização: consequências humanas”, cita que:

Paul Virílio disse recentemente que, se parece bastante prematura a declaração de Francis Fukuyama sobre o “fim da história”, pode-se cada vez com mais confiança falar atualmente do “fim da geografia”. As distâncias já não importam, ao passo que a ideia de uma fronteira agrícola é cada vez mais difícil de sustentar no “mundo real” (BAUMAN, 1999, p. 19).

Uma vez que as distâncias não existem, as fronteiras geográficas não podem mais realizar a distinção entre rural e urbano. As localidades também perderam a capacidade de gerar sentido e se tornaram cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, pois "globalizamos" e as saídas, portanto, serão globais e não mais locais.

Guimarães Rosa, em Grande Sertão Veredas vai buscar no sertanejo a universalidade do pensamento, usando a personagem Riobaldo para tratar de questões que afligem a alma humana:

As reflexões do velho jagunço despertam seus leitores para a cultura que subsistia nas franjas do desenvolvimento capitalista, para uma identidade ao mesmo tempo local e universal. Rosa não está mais em busca de uma originalidade identitária, de pureza, de autenticidade da cultura nacional que lhe daria caráter único. Em meados do século XX essas concepções já caíram por terra. Identidades passam a ser entendidas como relacionais, virtuais, híbridas, a um tempo rurais e urbanas, tradicionais e modernas. São constituídas no mesmo processo da vida – travessia (ALENCAR, 2012, p. 110).

Pode-se dizer então de uma cultura híbrida que superou a dialética campo/atraso, cidade/progresso e que atualmente nutrem-se de práticas antes exclusivas a somente um dos pares, o que significa que o rural pode ser urbano, bem como o urbano pode ser rural, ou seja, as categorias são avaliadas como conteúdos de práticas e não como contingentes, portanto, “são atributos, não substantivos” (BIAZZO, 2008, p. 144). A essas novas práticas convencionou-se denominar por ruralidades do urbano e urbanidades do rural.

Segundo Biazzo:

Ruralidades e urbanidades são rationalidades ou lógicas. Manifestam-se por meio de nossos atos, através das práticas sociais. Na esfera dos sujeitos, são conteúdos incorporados no curso da vida. Na esfera das instituições ou agentes coletivos, são ora incorporados, ora herdados. De qualquer modo, são representações provenientes de diferentes universos simbólicos, reproduzidos por cada indivíduo em seu convívio social. (BIAZZO, 2008, p. 143).

Como ruralidades do urbano inclui-se possuir uma horta – até mesmo na varanda do apartamento –, talvez um fogão a lenha ou um galinheiro no quintal; buscar como lazer chácaras, pousadas e/ou pesque pagues, ou seja, a expansão de um turismo rural; o sucesso das músicas sertanejas, o engajamento em movimentos sociais como o MST (Movimento dos Sem-Terra) e, até mesmo, manter hábitos antes exclusivamente rurais, como o consumo de alimentos exclusivamente orgânicos.

As urbanidades do rural aconteceram com a chegada da informação virtual – TV (a cabo), internet, celular – e pela melhoria na infraestrutura do transporte, que compreende as melhorias na malha viária e do poder aquisitivo com a consequente possibilidade de obtenção do veículo automotor (e da Carteira Nacional de Habilitação), bem como através da emancipação feminina, da diminuição da divisão sexual do trabalho e de uma padronização de condutas vislumbradas pelas mídias, dentre outros (BIAZZO, 2008, p. 143)

O nível de informação entre os habitantes do meio urbano e do meio rural tornou-se praticamente o mesmo, o que iguala também a diferença entre os valores envolvidos e torna híbrida a nossa cultura: um verdadeiro caldo “rurbano”.

Segundo Santos, a enorme mistura de povos, raças, culturas é o primeiro dos fenômenos envolvidos na construção de uma nova história, tratando-se “da

existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade" (SANTOS, 2001, p.21)

Dentro desta perspectiva sistêmica houve a possibilidade de emergir uma cultura popular como contraponto a uma cultura de massa e propondo uma vingança sobre esta última (SANTOS, 2001, p. 21).

Em qualquer tempo, o desenvolvimento das técnicas sempre vai de encontro à construção de uma história e a chegada da técnica da informática ainda vai possibilitar duas grandes coisas, segundo Santos:

(...) a primeira é que as diversas técnicas existentes passam a se comunicar entre elas (...) Por outro lado, ela tem um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo, em todos os lugares, a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade de ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico (SANTOS, 2001, p.25).

Com a mudança na compressão espaço-tempo, as distâncias encurtaram e o mundo diminuiu, pois, o lugar pode ser fixo, mas o espaço não: está entrecortado pela simultaneidade de acontecimentos e por como o que acontece em um pode impactar o outro, ainda que muito distantes.

Desta forma entende-se que “cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros”, ainda nas palavras do Milton Santos (2001, p.26). Portanto, os conceitos de rural e de urbano, após a unicidade das técnicas pela introdução do computador e só possível devido à simultaneidade do tempo, necessitaram ser revistos como uma rede e não como uma estrutura, uma vez que não há mais um núcleo organizador que oriente as suas práticas e sim, “uma pluralidade de centros de poder” (HALL, 2011, p. 17).

Em tempos pós-modernos, o mundo está em constante mudança, como “um mundo com pontos de referências sobre rodas” (BAUMAN, 1999, p.86), e as pessoas não podem ficar paradas, pois quando se está perto de entender algo este mesmo algo já sumiu de vista. O mundo moderno tem por referencial despertar desejos, seduzir consumidores, abrir caminhos para a competitividade, mas, acima de tudo, fazer com que assim que alcancem tais desejos outros rapidamente se manifestem, mantendo os lucros do mercado global. Portanto, tornou-se difícil não se manter em movimento:

A ideia do “estado de repouso”, da imobilidade, só faz sentido num mundo que fica parado ou que assim fosse percebido: num lugar com paredes

sólidas, estradas fixas e placas de sinalização bastante firmes para enferrujar com o tempo (BAUMAN, 1999, p. 86).

Stuart Hall, em “A identidade Cultural na pós-modernidade”, orienta que a sociedade se deslocou do seu centro e que o mesmo não foi substituído por outro, visto que agora são várias forças que atuam nele.

A sociedade não é como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentralizada” ou deslocada por forças fora de si mesma (HALL, 2011, p.17).

A transição acontece entre uma era em que tínhamos mais segurança e menos liberdade – tempos sólidos – para uma em que temos pouca (ou quase nenhuma) segurança e mais liberdade – tempos líquidos – e não encontramos ainda um denominador comum para a angústia existencial que há em cada uma delas.

Por isso a grande pergunta que se faz é a seguinte: tendo como pano de fundo a globalização, impiedosa que é ao acentuar as diferenças, como fica a condição humana, uma vez que a localidade, vista como privação e degradação social, perdeu a capacidade de gerar sentido?

Quanto aos que descentraram, não há o que esclarecer, mas quanto aos que permanecem presos à sua própria localidade, sem chance alguma de mudarem ou de se locomoverem e, ao mesmo tempo, perderam a capacidade de serem doadores de identidade, há um presságio de falta de sentido? Sem identidade não há capacidade de pertencimento, então o que fazer quando há “uma areia movediça sob seus pés” enquanto estão imóveis em sua condição física e existencial?

Será que os habitantes do meio rural estão inseridos nesta parcela da população que não se locomove e que perdeu “o significado e a capacidade de doar identidade”, ou há alguns fatores, como a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, que mantém o rural em movimento e que os retira de uma fração da sociedade dos que “observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés?” (BAUMAN, 1999, p. 25).

O sujeito moderno é globalizado, o que significa dizer que não pode mais contar com sua identidade tal como era em tempos sólidos: unificada e estrutural, portanto, correspondente a uma estabilidade. Na transição entre mundos, conforme já descrito, o homem entrou em colapso e “a perda do sentido em si” é chamada de

“descentralização do sujeito”, pela falta de um núcleo que o ancore. O sujeito abarcou várias identidades, às vezes, contraditórias entre si, mas que dão conta dos diversos contextos em que se encontra inserido, por isso, o que é possível agora é falar em identificação, por abranger algo temporário e não mais em identidade.

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente (HALL, 2011, p. 13)

A ideia de que essas sociedades não se desintegram justifica-se pelo fato de que as identidades, em algum momento da história, podem ser articuladas, funcionando como uma rede e não sendo mais possível ser uma estrutura com um núcleo organizador unificado, rígido e estável, por isso pensou-se que a saída seria a construção de uma identidade nacional no interior da representação, sem as quais os sujeitos envolvidos entrariam num profundo vazio existencial.

A cultura nacional seria um discurso, uma forma de encontrar sentido para a concepção de nós mesmos, ou seja, criar uma identidade através de estratégias representacionais que dessem conta do nosso pertencimento a este mundo, bem como se caracterizou a tentativa de construir a figura do sertanejo como representante da nossa identidade nacional.

Contudo, com o advento da globalização, as identidades nacionais declinaram-se e entraram as identidades híbridas, que são as pessoas que se descentraram, se locomoveram e se locomovem junto à areia movediça.

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (HALL, 2011, p.89)

Não se encerra na pretensão de fornecer respostas, mas de fazer perguntas contextualizadas com relação a essa modernidade tardia que trouxe uma crise de identidade e talvez questões existenciais aos que estão do lado de fora, na extraterritorialidade não abraçada pela globalização ou aos que resistem a ela.

Hibridização cultural: campo x cidade

Os opositos (rural e urbano, local e global etc.) que se dedicavam a dar ordem aos dilemas observados pelas ciências sociais, bem como os conceitos de identidade, cultura, desigualdade, precisaram ser repensados quando houve a introdução do termo hibridação no universo dos estudos culturais (CANCLINI, 2003, p. XVII)

O que vem a ser o termo hibridação? O argentino Néstor García Canclini assim o define: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 2003, p. XIX)

Faz-se necessário justificar que a expressão “práticas discretas” trata-se de atos que vigoram, contudo, já não são puros, não estão em essência original, são atos combinados, ou seja, já vem de um processo de modesta hibridação.

O que acontece em cultura é que, por vezes, as práticas admitidas tomam forma de uma massa heterogênea que depois origina uma mais homogênea que, por sua vez, se rompe em alguma heterogeneidade e assim segue, de forma dinâmica e correspondendo a um percurso sócio-histórico, denominado por Brian Stross por “ciclos de hibridação” (CANCLINI, 2003, p. XX).

Há duas formas de construção de novas práticas ou de novas estruturas sociais em hibridação: através de “processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional” (CANCLINI, 2003, p. XXII) ou através da reconversão econômica e simbólica pela adaptação de saberes e técnicas que cumpram às exigências do mercado global e assim insira um público (físico ou jurídico) que antes estava à margem do processo de produção mundial.

Transpondo para o contexto do objeto de estudo, percebe-se que há uma mudança no processo migratório do habitante do campo mediante a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, visto que esse habitante se locomove mais, se movimenta mais intensamente com a tranquilidade da legalidade. Tal fato faz com que vá mais vezes à cidade, o que possibilita uma elevação no seu padrão de comunicação proporcionado pelas trocas; faz com que ele trabalhe na cidade e mantenha o campo como residência, visto que houve um encurtamento espacial, retirando também a necessidade de se mudar para a cidade por questões referentes

à saúde, educação e outras atividades atinentes ao entendimento de que a vida urbana seria melhor que a vida rural.

No campo também houve, de alguma maneira, a *reconversão econômica e simbólica*, pois alguns habitantes transformaram sua agricultura familiar em fonte de renda no mercado consumidor global, onde antes a negociação era impossibilitada pela precariedade das estradas e pela dificuldade de locomoção, que passa também pela perspectiva econômica de não possuir, em tempos primoriais, um veículo automotor. A locomoção campo/cidade acontecia a pé, em bicicletas e em charretes, primordialmente e com frequência bastante baixa, reduzindo, em muitos casos, a uma ida à cidade por ano.

Hoje em dia, às práticas dos agricultores foram introduzidas as tecnologias: as máquinas e ferramentas ficaram potencialmente melhores, substituindo (em muito, não totalmente) o trabalho braçal e permitindo uma produção em escala bem maior. Chegam às cidades, sem nenhum obstáculo intransponível, toda a produção hortifrutigranjeira proveniente dos campos e também possível em virtude da facilidade de realização do transporte das matérias-primas essenciais, em menor tempo, para incorporar-se à engrenagem produtiva.

Também há relatos de uma produção artesanal (queijos, salgados e artesanatos em geral) em ambiente rural, diretamente vinculada a uma demanda urbana, com o intuito de atrair potenciais compradores.

No âmbito profissional, constatou-se que pedreiros viraram engenheiros civis e mantiveram-se residentes do campo, por exemplo, devido à alta solicitação por melhorias nas benfeitorias ou por construção de novas edificações, inclusive chácaras de lazer. Profissões tidas como exclusivamente urbanas fazem parte do cenário de construção do novo rural, a partir das perspectivas apresentadas: jardineiros, mecânicos, zeladores (de chácaras), administradores (de fazendas) etc.

Como se pode notar, os processos de hibridação aparecem a todo instante e parecem interessar às classes mais ou menos favorecidas, visto que o real ganho está em alcançar as vantagens da modernidade.

Partindo de outro ponto, averigua-se que em meio a esse entendimento de que há uma mistura cultural, acontece uma relativização no conceito de identidade, por não ser possível que qualquer processo de abstração afunile-se numa “identidade pura”.

Quando há essa tentativa de reduzir uma população considerada local e que se declara avessa à globalização, termina-se, “em suma, obturando a possibilidade de modificar a cultura e a política” (CANCLINI, 2003, p. XXIII), pois as engessam ao não reconhecê-las como frutos de hibridações e por desprezar práticas heterogêneas daí advindas.

Também por isso tal trabalho se justifica: para ser gerador de novas políticas para as políticas públicas, visto que o par organizador campo/cidade cria, por vezes, uma ruptura social e cultural, por tornar absoluto o conceito de identidade e por construir políticas ineficientes para o novo cenário. A pretensão é substituir identidade por heterogeneidade e hibridação interculturais, ou seja, entender o par em seu constante movimento.

A história de movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência (CANCLINI, 2003, p. XXIII).

No entanto, nos processos de hibridação existem contradições que podem tornar algumas práticas improdutivas e outras até mesmo inconciliáveis, ou seja, não se deixam hibridar.

No tocante a posição dos sujeitos com relação à interculturalidade, há os que conseguem “falar ‘com espontaneidade a partir de vários lugares’ sem misturá-los” (CANCLINI, 2003, p.XXVI), ou seja, ora falam através de sua identidade de origem e ora por sua identidade de destino; no entanto outros saem do centro da sua história, não conseguindo construir papéis dialéticos e produzindo, dessa forma, uma narrativa esquizofrênica.²

A hibridação vem como proposta de salvação às desigualdades culturais, pela capacidade democrática de combinar-se nos atos e nas práticas, pois “podemos escolher viver em estado de guerra ou em estado de hibridação” (CANCLINI, 2003, p. XXVII), mas também é uma teoria crítica que sabe dos seus limites: do que pode ou não ser hibridado.

² Refere-se à impossibilidade de sustentar uma identidade que abranja múltiplas pertenças, ou seja, por ser insuportável falar de mais de um lugar irrompem distorções do pensamento e da percepção no discurso do sujeito.

Dentro da crítica feita há o conhecimento de que a hibridação só se torna possível em condições históricas e culturais favoráveis a ela, ou seja, não acontece de maneira livre e irrestrita. Os anos 1980 e início dos 1990 foram marcados por um declínio das meta-narrativas, que se caracterizam por serem amplas e gerais e por pretenderm uma explicação para tudo, o que propiciou também um enfraquecimento dos argumentos tradicionalistas. Neste momento, havia um interesse pela pós-modernidade. Contudo, o fenômeno da globalização tomou o centro das Ciências Sociais.

Nas palavras de Beck, a globalização nos coloca ante o desafio de configurar uma “segunda modernidade”, mais reflexiva, que não imponha sua racionalidade secularizante e, sim, que aceite pluralmente tradições diversas”. (CANCLINI, 2003, p. XXXI)

No entanto, a globalização não somente propicia a interação como também acentua as diferenças e produz novas desigualdades.

O primeiro aspecto da resistência à hibridação deriva da “insegurança nas culturas e conspiram contra sua autoestima etnocêntrica” (CANCLINI, p. XXXIII). O segundo ponto tem a ver com o costume do pensamento moderno em categorizar binariamente todos os conceitos socialmente implantados como, por exemplo, rural e urbano; selvagem e civilizado etc.

Com relação à cisão dos valores sociais/simbólicos entre campo e cidade (questão 19 do questionário de pesquisa, a ser apresentado no Capítulo 3), o primeiro aspecto acima apresentado configura-se como sustentação para o que foi encontrado, pois é devido à insegurança em desaparecer o que oferece identidade ou maior identificação ao habitante do campo, que aparecem movimentos de resistência à hibridação. Tal resistência visa garantir a manutenção da autoestima e do *ethos* específico de tal população, não permitindo, portanto, uma completa hibridação.

Com relação ao segundo ponto, trata-se de um desafio de organizar o mundo longe desta lógica binária, pontuando o que, na rede, não se misturou e que, portanto, continua diferente. Aproveitando das palavras de N.J.C. Vasantkuman “é um processo de mistura do compatível e fixação do incompatível” (apud Canclini, p. XXXIII).

Por fim, interessante é notar que, com a ampliação das possibilidades de mobilidade, o habitante do campo movimenta-se (fisicamente) com uma maior

frequência, amparado pela legalidade de ter posse da CNH. Contudo, com a introdução da *internet* no ambiente rural, tal habitante participa do mundo (virtualmente) sem a necessidade de deslocar-se, onde também consegue divulgar-se no mercado global (seus bens e serviços) e ter acesso, em tempo real, às novidades deste.

Conhecer as inovações de diferentes países e a possibilidade de misturá-las requeria, há dez anos, viagens frequentes, assinaturas de revistas estrangeiras e pagar avultadas contas telefônicas; agora se trata de renovar periodicamente o equipamento de computador e ter um servidor de *internet*. (CANCLINI, 2003, p. XXXVI)

A questão central, portanto, é traduzir o mundo em um lugar melhor: que abarque as diferenças, e que torne, desta forma, mais pacífica a convivência entre os seus, “ao aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridar-se” (CANCLINI, 2003, XXXIX).

Capítulo 2: Metodologia empregada no estudo

Trata-se de uma pesquisa descritiva e diacrônica, que foi dividida em duas etapas: uma de base bibliográfica, longitudinal retrospectiva; e outra, de campo, através da aplicação de um questionário com abordagem qualitativa, transversal de incidência, com posterior realização de entrevistas, que tiveram como objetivo prospectar informações acerca das representações sociais vigentes sobre o campo e sobre o papel da CNH em tal processo, bem como para a formulação do produto educacional relacionado à pesquisa, que foi um documentário.

O presente estudo foi realizado no Município de Abre Campo, localizado na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, estando a 216 km da capital Belo Horizonte. Conforme estimativas do IBGE para o ano de 2019, sua população era de 13.465 habitantes, sendo que no Censo de 2010 o número era de 13.311 habitantes, sendo que 7.281 pessoas habitavam o núcleo urbano e 6.030 a área rural. Sua economia está baseada na cafeicultura, pecuária de corte e leite e crescendo na área de suinocultura.

As entrevistas foram realizadas na Clínica Marques e Sousa Clínica Médica e Psicológica Ltda., devidamente credenciada junto ao Departamento de Trânsito de Minas Gerais (DETRAN-MG) para realização de avaliação psicológica e exame de aptidão física e mental a candidatos e condutores portadores da CNH e outros especificados, em cumprimento à legislação que os obriga a serem submetidos aos mesmos.

O recorte amostral foi de 45 pessoas, tendo sido calculado a partir do número total de habilitados em 2017, no município de Abre Campo (3.726 pessoas), em relação ao percentual correspondente à população rural do mesmo município, segundo o Censo de 2010 (45,3%), considerando um erro amostral de 5%.

A fim de se obter tal média amostral, foi utilizado software on-line (calculadora amostral), desenvolvida por Glauber Eduardo Santos (2011), no qual se aplica a seguinte fórmula:

$$n = \frac{N \cdot z^2 \cdot p \cdot (1-p)}{z^2 \cdot p \cdot (1-p) + e^2 \cdot (N-1)}$$

Onde:

n - amostra calculada

N – população

Z - variável normal padronizada associada ao nível de confiança

p - verdadeira probabilidade do evento
e - erro amostral

Desta forma, um universo de 45 pessoas dentre aquelas atendidas nos serviços relativos à obtenção, adição, mudança e/ou renovação da CNH, de quaisquer gêneros, com idade entre 18 e 60 anos, e residentes em área rural do município de Abre Campo foram convidadas e esclarecidas sobre os objetivos, benefícios e riscos do estudo, a fim de que pudessem, livremente, decidir se desejavam participar.

Com a concordância de participação, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ocorreu a aplicação de um questionário semiestruturado, que apresentou variáveis objetivas relativas ao perfil sócio-econômico-cultural do participante, além de questões abertas que questionaram os participantes acerca das percepções e experiências de cada um, a respeito das representações sociais existentes sobre o ambiente rural e seus habitantes, bem como da possível relação entre a obtenção da CNH e prováveis alterações em tais representações. Neste sentido, cabe ainda informar que a presente pesquisa foi devidamente submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Dinâmica, conforme pode ser observado no Anexo A.

Não obstante, as questões objetivaram a prospecção das percepções dos participantes sobre a possibilidade da obtenção da CNH ter ou não facilitado sua permanência no ambiente rural, bem como ter modificado seu sentimento quanto a residir neste ambiente, trazendo-lhe ou não maior bem-estar.

A atividade foi aplicada às segundas e terças-feiras, em local reservado da Clínica, no tempo correspondente às necessidades de cada participante para a captura dos dados relevantes, de forma a evitar interferências e minimizar possíveis desconfortos aos quais o participante poderia estar sujeito, tais como constrangimento e cansaço.

A análise dos dados provenientes das entrevistas foi realizada a partir de lançamento em planilha do software Excel, a partir do qual foi possível realizar cruzamento das informações concedidas pelos participantes a partir da aplicação de Testes Qui Quadrado e Teste Exato de Fisher. No caso, teste Qui Quadrado é o principal teste utilizado para avaliar a associação existente entre variáveis qualitativas/categóricas, sendo que neste estudo todas as variáveis são desse tipo.

O princípio básico deste método é comparar proporções, isto é, as possíveis divergências entre as frequências observadas e esperadas para um certo evento. Em amostras pequenas o erro do valor de Qui quadrado é alto, nestes casos é adequado que se utilize o Teste de Fisher. No caso do presente estudo, este teste foi utilizado para todos os cruzamentos, em razão de a amostra ser considerada pequena, sendo que, quando cruza-se as categorias, tem-se categorias com poucas observações.

O teste de Fisher também permite calcular a probabilidade de associação das características que estão em análise. Assim, quando estamos diante de amostras pequenas é recomendável que se execute este teste. A hipótese nula do teste é que não há associação entre os grupos. Dessa forma para p-valores menores que o nível de significância rejeita-se a hipótese nula e conclui-se que há associação entre as variáveis estudadas.

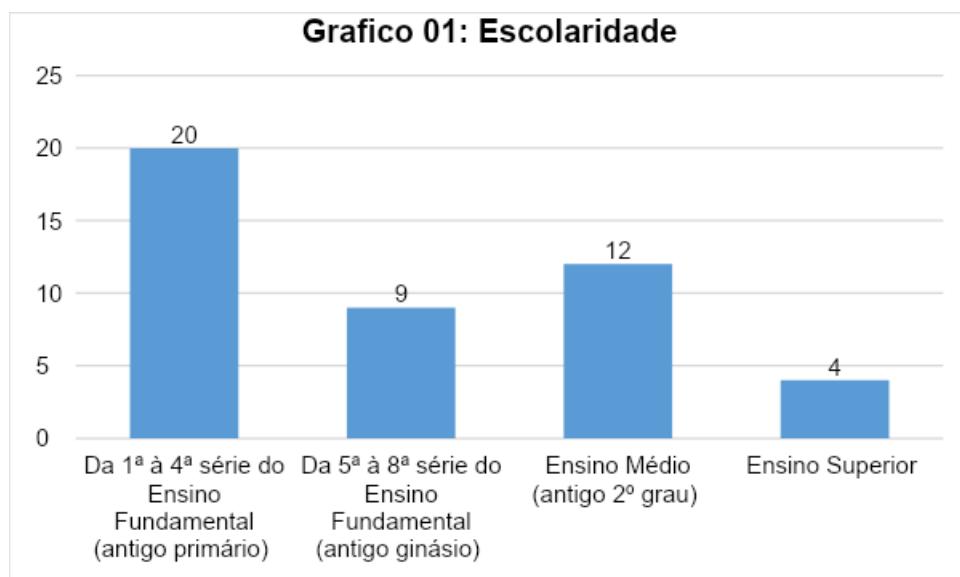
Lembrando que geralmente o nível de significância adotado é 0,05, sendo que todos os p-valores do estudo foram maiores do que isso, o que nos levou a concluir que as associações analisadas não têm significância estatística.

Por fim, foi construído o produto educacional que se apresenta sob a forma de um documentário no qual sete participantes da pesquisa narraram suas percepções em relação à conquista da CNH e sua vivência no ambiente rural.

Capítulo 3: Discussão e apresentação dos resultados da pesquisa

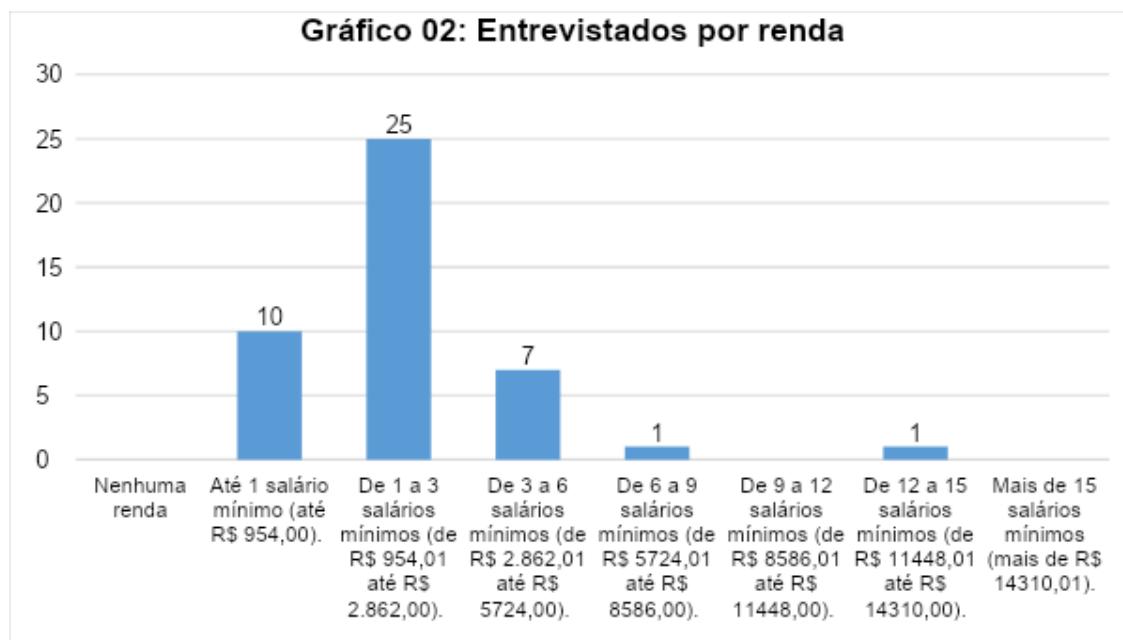
A coleta dos dados foi iniciada no dia 11 de setembro de 2018, tendo finalizado no dia 19 de março de 2019. Como destacado no capítulo atinente à metodologia empregada à pesquisa, foram entrevistadas 45 pessoas (33 homens e 12 mulheres) que se dispuseram colaborar para o estudo, sendo que todas residem em área rural do município de Abre Campo.

Quanto ao perfil dos participantes, no que se refere a sua escolaridade, a maioria, 20 pessoas (44,5%), realizou apenas o primeiro ciclo do Ensino Fundamental; sendo que outras 12 (26,6%), completaram o Ensino Médio; 09 (20%) completaram o segundo ciclo do Ensino Fundamental; e somente 04 chegaram ao Ensino Superior, conforme também podemos observar no gráfico abaixo:



Fonte: Dados da pesquisa

Já no que tange à renda dos participantes, ela se apresenta concentrada na faixa de ganhos entre 01 e 06 salários mínimos, sendo que 25 pessoas (55,5%) percebem de 01 a 03 salários; 10 (22,2%) ganham até 01 salário; e 07 (15,5%) tem renda entre 01 a 06 salários. Apenas duas pessoas se apresentaram fora desta faixa, percebendo, respectivamente, uma delas de 06 a 09 salários, e outra de 12 a 15. Uma pessoa preferiu não informar sua renda.



Fonte: Dados da pesquisa

Já no que se refere à ocupação laboral dos participantes, percebeu-se que, hegemonicamente, eles se concentram em ocupações ligadas à agricultura, sendo estes mais da metade dos respondentes, 25 pessoas (55,5%). No entanto, há a presença de diferentes ocupações que não apenas aquelas classicamente ligadas ao ambiente rural, tais como construção civil, comércio, serviço público, além daquelas pessoas que se apresentaram como trabalhadores domésticos autônomos, ou que trabalham em suas próprias casas, bem como outras que se identificaram como “do lar”, somando 14 pessoas (31%). Já outros 06 participantes indicaram ocupações diferentes das anteriormente formuladas, agrupadas na opção “outros”, sendo igualmente representativas quanto à diversidade de atividades: aposentado, motorista (03), mecânico e taxista.



Fonte: Dados da pesquisa

Considera-se que os dados da pesquisa se mostraram reveladores da confusão que se faz entre economia rural e economia agrícola, pois é visto que a população rural de Abre Campo mostra-se diversificando sua atividade produtiva: produção e venda de salgados, confecção de roupas e artesanatos em crochê, marmoraria. De outro lado, tal diversidade de atividades possibilita a viabilização da presença de novas profissões naquele ambiente, especialmente, pela maior facilidade na mobilidade: engenheiro, mecânico, pedreiros, funcionário de suinocultura, de comércios variados, taxistas, entre outros, e pela maior liberdade no trânsito entre a cidade e o campo e vice-versa, proporcionada pela obtenção da Carteira Nacional de Habilitação. A atividade agropecuária (setor primário) ainda é maior neste espaço, mas a amostra revela um crescimento nos outros setores, secundário e terciário.

Já quanto às categorias da CNH às quais os participantes estavam relacionados, 19 (42,2%) se referiam à categoria B (veículo de passageiros com até 8 lugares); 11 (24,4%) à AB (veículo de até 08 lugares e motocicleta); 05 (11,1%) à AD (motocicleta e veículo de passageiros com mais de 8 lugares); 04 (8,8%) à A (motocicleta ou triciclo); 2 (4,4%) para a categoria C (veículo de passageiros com até 8 lugares, carga maior de 3500 de peso bruto total e articulado de até 6000 peso

bruto total); 2 (4,4%) à D (veículo de passageiros com mais de 8 lugares); 01 (2,2%) para a AE (motocicleta e veículo de mais de oito lugares, carga maior de 3500 de peso bruto total e articulado de maior de 6000 em peso bruto total); e 01 pessoa para categoria E (veículo de mais de oito lugares, carga maior de 3500 de peso bruto total e articulado de maior de 6000 em peso bruto total).

Desses dados podemos observar que dentre as pessoas que buscaram obtenção ou manutenção de sua CNH, 24 (53%) se referiam à habilitação de veículos (categorias B, C, D e E), já nos outros 21 casos (46,6%) se referia à habilitação para motocicletas aliada a outras categorias de veículos (A, AB, AD e AE). Infere-se, a partir destes dados que, contrariando um traço bastante presente no senso comum, o ambiente rural pode não ser necessariamente “infestado” de motocicletas, uma vez que na amostra pesquisada houve peso hegemonic para as habilitações de veículos, mesmo considerando aquelas pessoas que, conjuntamente, também são habilitadas para pilotar motocicletas. Não obstante, considerando-se apenas as habilitações exclusivamente para motocicletas (A), elas representaram apenas 04 participantes (8,8%), sendo que destes 02 buscaram a obtenção da CNH e outros 02 sua renovação.

De acordo com a amostra pesquisada, a população rural não possui, em geral, a moto (categoria A) como veículo "prioritário" de transporte, visto que a grande maioria possui o carro (categoria B) aliado ou não à moto, como demonstraram os dados acima.

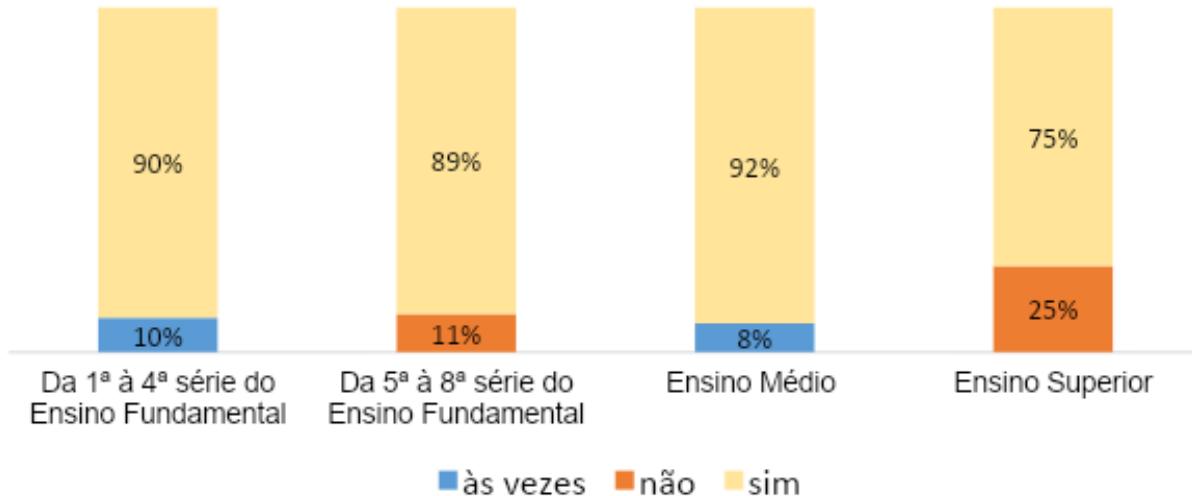
No que tange à análise das respostas dos participantes quanto às questões atinentes à representação social, distribuídas em temas como acesso à informação e qualidade de vida, quando feitos alguns cruzamentos³ possivelmente significativos - amparados pela força do imaginário social -, para avaliação de variáveis qualitativas/categóricas, as associações analisadas não apresentaram significância estatística. Tal fato faz com que se conclua que as mais variadas questões e também "confusões", atinentes às particularidades da vivência no ambiente rural caíram num determinado emaranhado simbólico e ganharam força de verdade e de realidade, ou seja, não há distinção significativa na percepção dos habitantes do

³ Para averiguação de possíveis distintas percepções foi realizado o cruzamento das variáveis escolaridade e renda com alguns itens do questionário de pesquisa, que se mostraram mais flutuantes: "percepção de melhoria da vida no campo" (questão 8), "informação" (questão 10), "orgulho" (questão 14) e valores campo x cidade (questão 19).

ambiente rural, ainda que hajam diferenças econômicas e sócio-culturais manifestas.

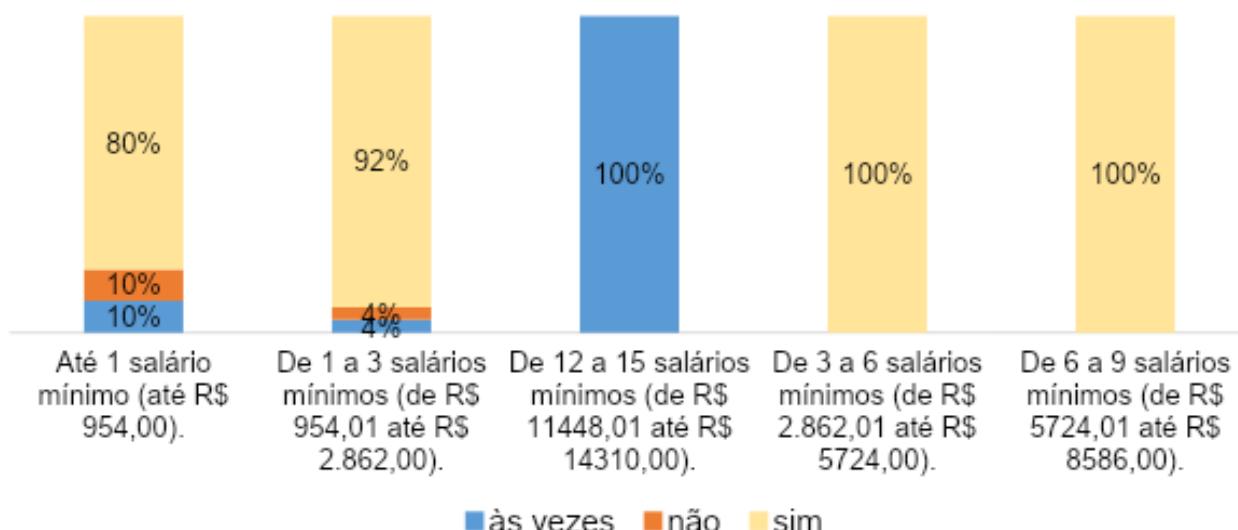
Gráfico 04: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que a atual geração de pessoas que vivem no campo acredita que a vida ali é melhor hoje do que antes?”, segundo o nível de escolaridade.

Fonte: Dados da pesquisa



Dentre os 45 participantes, 40 (88,8%) responderam positivamente quando questionados sobre a percepção de melhoria da vida no campo. Note-se que, em todas as faixas de escolaridade, conforme o gráfico 04, as pessoas acreditam que a atual geração de habitantes do ambiente rural o percebem como melhor em relação ao passado, demonstrando uma possível transformação no que se refere à representação social do campo. Quando a variável renda é utilizada, mantém-se a regularidade das respostas, com uma única exceção entre os participantes:

Gráfico 05: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que a atual geração de pessoas que vivem no campo acredita que a vida ali é melhor hoje do que antes?”, segundo a classe de renda.

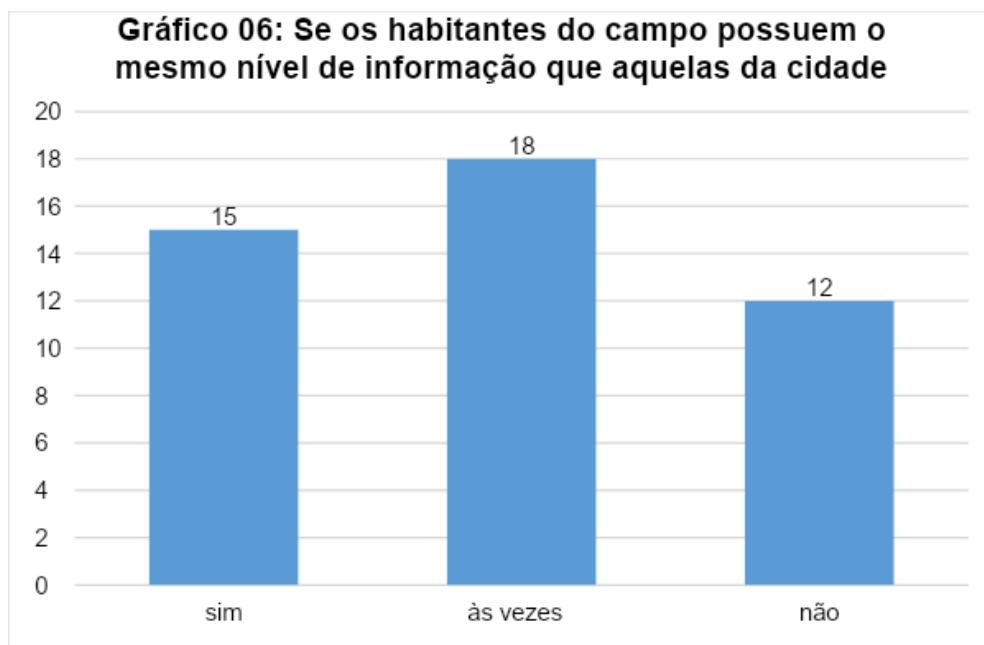


Fonte: Dados da pesquisa

As questões que apresentam uma maior divisão são as relativas ao acesso à informação e aos valores sociais/simbólicos.

Com relação à informação, alguns participantes acreditam não terem o mesmo nível de acesso que as pessoas que vivem na cidade, principalmente pela dificuldade de inserção da internet em alguns locais. Outros pesquisados pontuam a dificuldade de tal acesso em virtude da dificuldade de uma parcela da população em se locomover (por não possuir um meio de transporte) ou mesmo por resistência, em especial, a população mais idosa que se decidiu por não aderir às novas tecnologias.

Quando questionados sobre a possibilidade de os habitantes do campo terem o mesmo nível de informação dos da cidade o resultado foi bastante equilibrado, sendo que 15 pessoas responderam positivamente, 18 afirmaram “às vezes” e outras 12 que “não”, como podemos observar no gráfico abaixo:

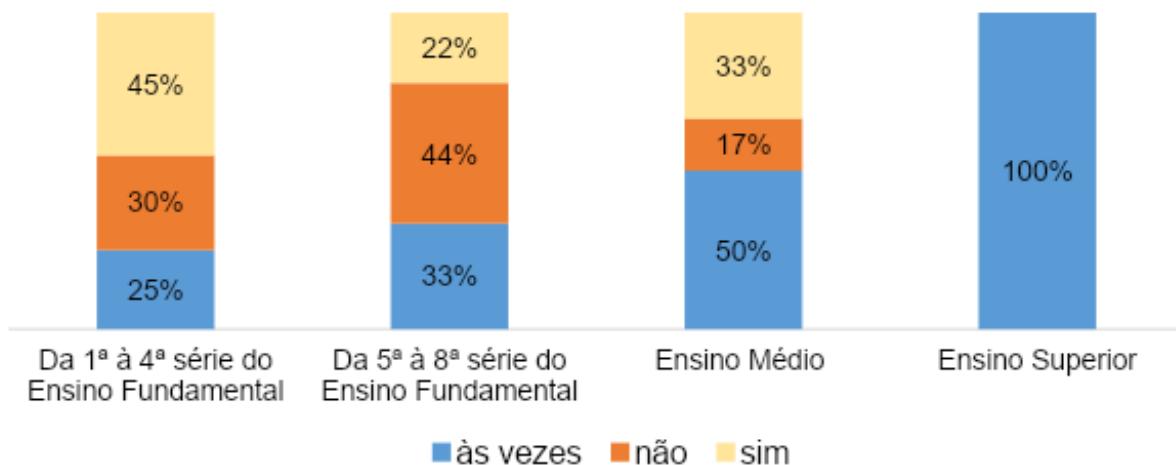


Fonte: Dados da pesquisa

Aos 15 participantes que responderam positivamente foi questionado se consideravam que o fato de obter/manter a CNH influenciaria de algum modo no acesso à informação, sendo que a maioria, 13 pessoas, disse que sim, ao passo que apenas 02 respondentes negaram tal influência.

Já no gráfico 07 (abaixo), observa-se que quando se cruza o questionamento sobre a qualidade da informação entre os habitantes do campo e o nível de escolaridade há crescimento, conforme aumenta o tempo de escolarização, da opção “às vezes”. Tal fato pode, a nosso ver, significar a existência de uma percepção quanto ao processo de transição em curso no ambiente rural no que se refere à circulação de informações, seja pelo advento e acesso às tecnologias de informação e comunicação, ou mesmo pelo fluxo facilitado de pessoas entre o campo e a cidade.

Gráfico 07: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que os habitantes do campo têm o mesmo nível de informação dos habitantes da cidade?”, segundo o nível de escolaridade.



Fonte: Dados da pesquisa

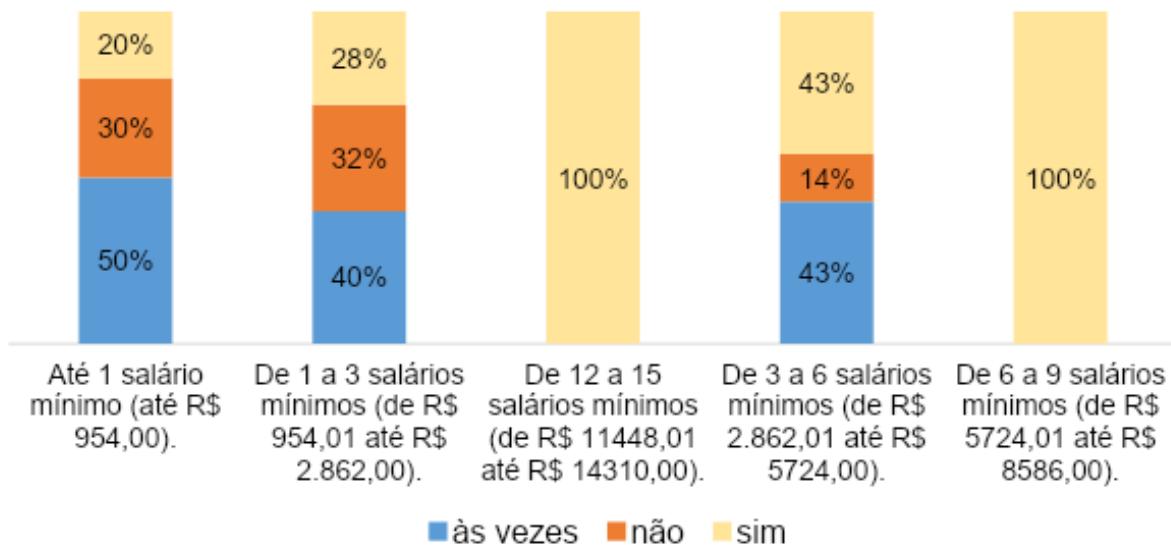
Por outro lado, nota-se que a maior percentagem de pessoas que afirmam que o nível de informação entre campo e cidade teria se equiparado se concentra justamente naquela correspondente à menor formação escolar (fundamental incompleto), representando 45% (quarenta e cinco por cento) daqueles pertencentes à esta faixa. A proporção diminui para 22% (vinte e dois por cento) na faixa seguinte (fundamental completo), que foi justamente a que mais respondeu negativamente (44% - quarenta e quatro por cento); e volta a crescer, registrando 33% (trinta e três por cento), entre aquelas pessoas que cursaram o Ensino Médio.

Tais números podem denotar que as pessoas com escolaridade mais elevada mantêm um determinado estereótipo social em relação àquelas com menor escolaridade, desenhando para elas uma realidade que pode compactuar com tal preconcepção. De outro lado, as pessoas de menor escolaridade podem ter desenhado uma interpretação mais viva das mudanças comunicacionais entre campo e cidade, denotando como o acesso e circulação às informações foram transformadas, especialmente com o advento de novas tecnologias que aceleraram o contato e proporcionam releituras da própria realidade vivida.

Com relação ao nível de renda, há uma mudança do panorama, sendo que a maior concentração de respostas “às vezes” está entre as pessoas que percebem a menor renda, de até 01 salário mínimo, formando 50% (cinquenta por cento) das respostas desta faixa. Esta resposta mantém-se hegemônica entre as faixas entre 01 e 06 salários, respectivamente 40% (quarenta por cento) e 43% (quarenta e três

por cento), entre os respondentes. A percentagem de 100% (cem por cento) para a resposta “sim”, nas faixas de 06 a 09 e 12 a 15 salários, se referem a dois participantes.

Gráfico 08: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que os habitantes do campo têm o mesmo nível de informação dos habitantes da cidade?”, segundo a classe de renda.

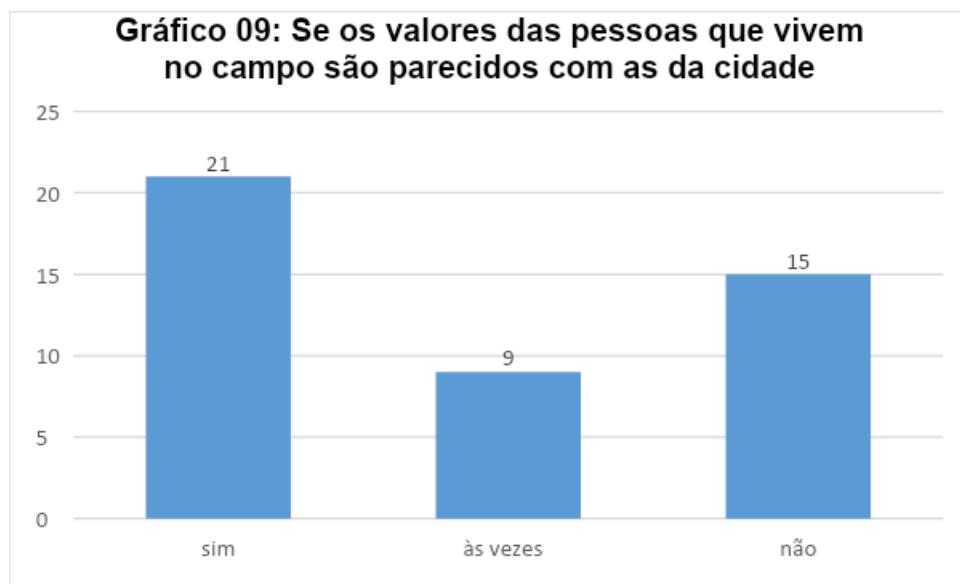


Diferente do quadro relacionado à escolaridade, a divisão dos participantes por renda não aponta para uma tendência clara quanto às considerações sobre o nível de acesso à informação, sendo que a correlação entre renda e escolaridade não encontrou coincidência, ou seja, o nível de formação não é correspondente à renda auferida, o que pode ser exemplificado pelo fato de que as pessoas com formação mais elementar não estarem concentradas em um único estrato de renda, sendo 05 na faixa até 01 salário, 09 na de 01 a 03 salários, 03 na faixa de 03 a 06 salários, 01 única percebendo de 06 a 09 e outra de 12 a 15 salários.

No que se refere aos valores sociais/simbólicos, em linhas gerais, alguns entrevistados, acreditam valorizar mais uma vida tranquila, com acesso mais direto às pessoas (conversar com parentes e vizinhos “no terreiro”), diferente da cidade, que é turbulenta, entrecortada pelas redes sociais, havendo, desta feita, um prejuízo nos encontros face a face.

Quando perguntados se os valores das pessoas do campo são parecidos com aqueles experimentados pelos habitantes da cidade, 21 (46,6%) participantes

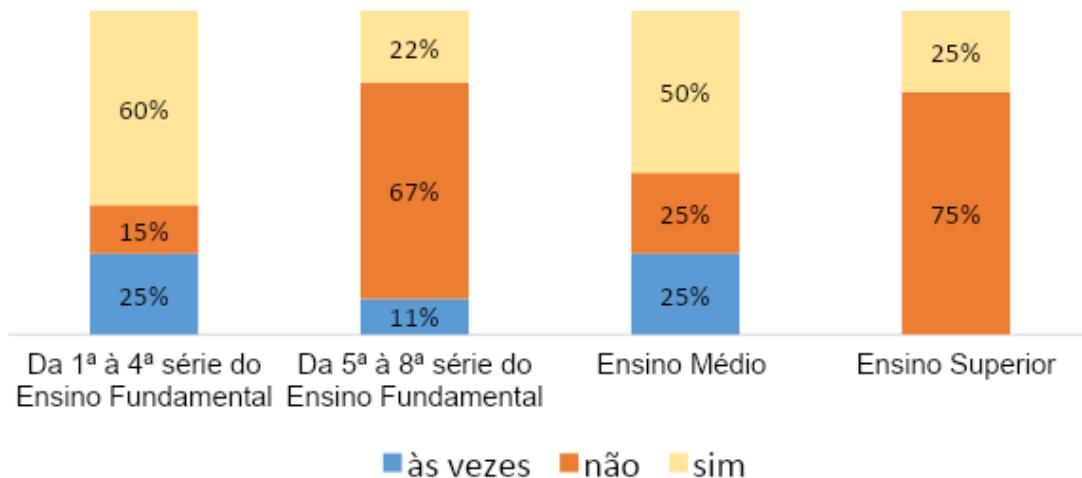
responderam “sim”, enquanto 15 (33,3%) disseram “não” e 09 (20%) afirmaram que “às vezes”. Tais dados possibilitam inferir que de fato ocorre uma transformação no que tange aos valores conservados pelas pessoas que vivem no binômio campo-cidade, mas que tais questões ou representações ainda não se apresentam como um bloco monolítico ou consenso.



Aos que responderam positivamente, foi questionado ainda se acreditavam que a sintonia de valores tinha relação ou não com o fato de se obter/manter a CNH. Nesse sentido, 20 participantes disseram que sim e apenas um negou tal relação. Deste lado, reforça-se a percepção de que a CNH pode ser reconhecida como um dos instrumentos em voga no processo de transformação das representações sociais, especialmente por conferir a possibilidade de deslocamento entre as diferentes dinâmicas ambientais: campo e cidade.

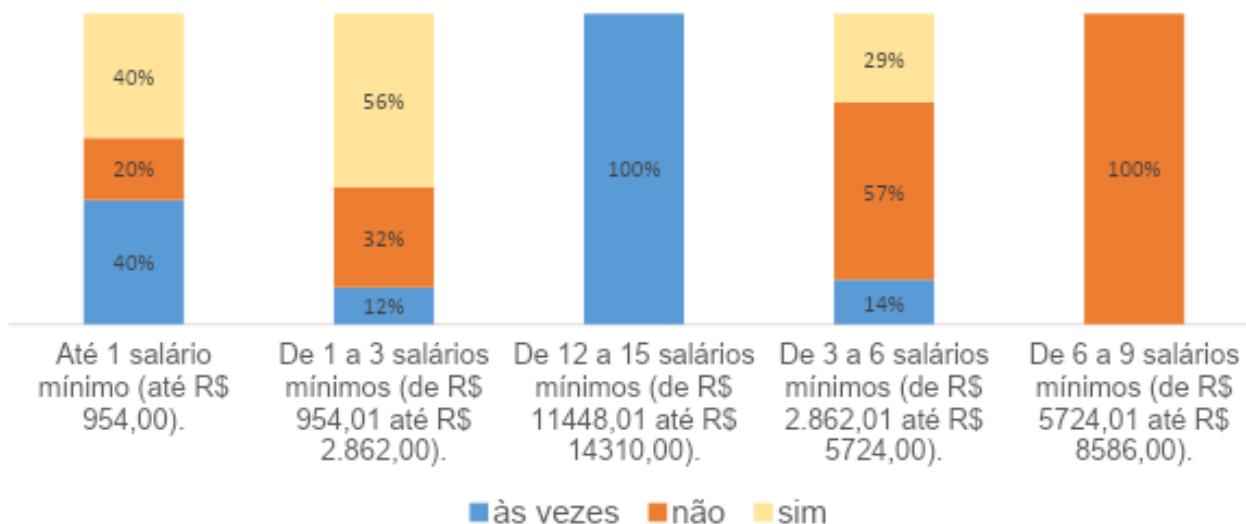
Quanto aos cruzamentos desta questão com a escolaridade e a renda, estes não apresentaram correlação significativa. No caso dos dados relativos à escolaridade, nota-se que entre as pessoas que não completaram o Ensino Fundamental (1^a à 4^a série) a maioria (60%) acredita na similitude de valores entre campo e cidade, assim como a metade dos participantes que possuem o Ensino Médio. De outro lado, três dos quatro participantes que chegaram ao Ensino Superior discordaram de tal possibilidade.

Gráfico 10: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que o que é importante para as pessoas do campo é parecido com o que é importante para as pessoas da cidade? Elas valorizam as mesmas coisas ou coisas bem próximas?”, segundo o nível de escolaridade.



As respostas positivas quando a similitude de valores se concentraram entre os participantes que pertencem as menores faixas de renda, sendo que a faixa entre 01 e 03 salários mínimos, que também é a que concentra o maior número de participantes (25), é justamente a que concentra a maior percentagem de repostas positivas (56%). Neste caso, infere-se que, em relação à similaridade ou aproximação de valores, as pessoas que percebem menor renda compreendem haver hoje maior proximidade em relação ao modo e sentidos de vida do ambiente urbano, contrariando aquilo que pode ser uma visão estereotipada contra elas construída pelos respondentes de maior renda.

Gráfico 11: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que o que é importante para as pessoas do campo é parecido com o que é importante para as pessoas da cidade? Elas valorizam as mesmas coisas ou coisas bem próximas?”, segundo a classe de renda.



Quando os participantes foram questionados quanto a possibilidade de hoje haver mais orgulho em viver no campo do que no passado, 37 pessoas disseram que sim, sendo que 33 delas afirmaram que a CNH tem influência nesta questão. Apenas 07 pessoas negaram tal possibilidade e outra respondeu “às vezes”. Tanto no que tange ao perfil de escolaridade quanto ao de renda, a regularidade de respostas positivas se observa, como se pode notar nos gráficos a seguir:

Gráfico 12: Distribuição percentual de respostas para a pergunta “Você considera que a atual geração dos habitantes do campo tem mais orgulho em dizer que são dali do que as gerações passadas?”, segundo o nível de escolaridade.

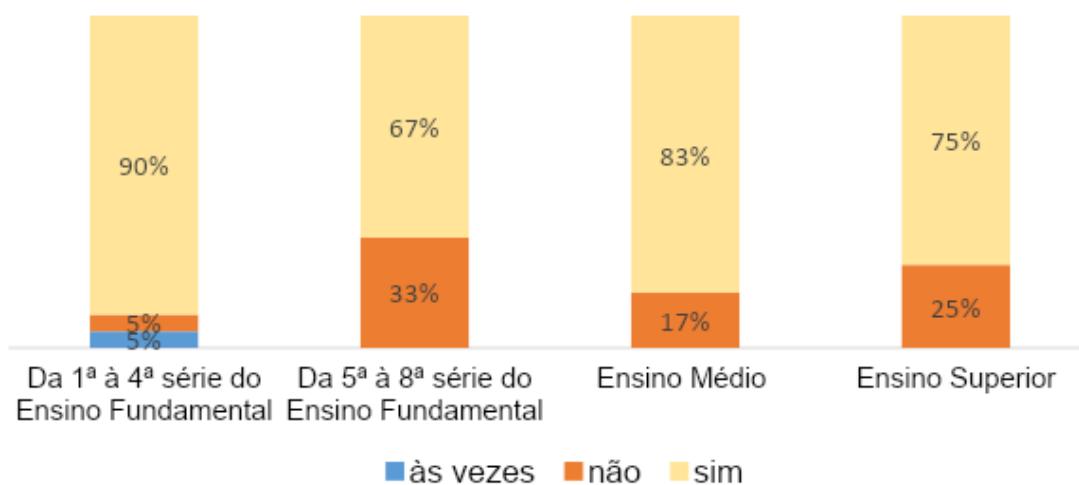
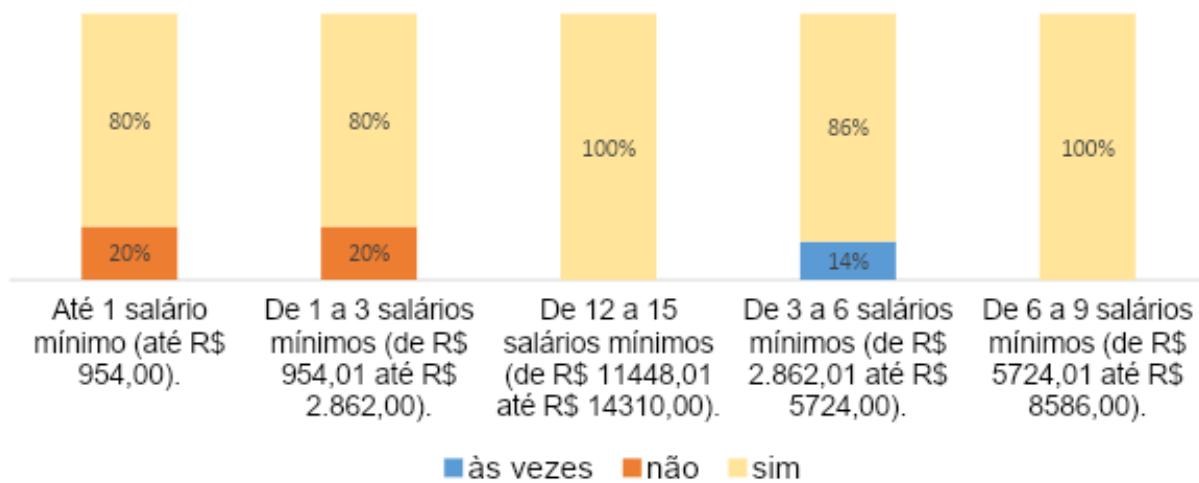


Gráfico 13: Distribuição percentual de respostas para a pergunta ““Você considera que a atual geração dos habitantes do campo tem mais orgulho em dizer que são dali do que as gerações passadas?”, segundo a classe de renda.



Alguns fatores apresentam maior solidez quanto ao fato de obter/manter a CNH: ter influência no fato da vida do homem do campo ser melhor hoje do que antes, ter facilitado muito a mobilidade da área rural para a área urbana (para buscar saúde, educação, comércio, etc.) em um tempo razoavelmente curto, mostrando-se essencial para que os habitantes do campo ali permaneçam vivendo e para que pratiquem atividades informais (produção de queijo, salgados, artesanatos, etc.) com a possibilidade de comercialização de seus produtos na cidade, o que deu, de certa forma, mais orgulho aos habitantes do campo.

Outros itens pontuados reforçam a ideia da globalização, de uma hibridização cultural envolvida neste movimento entre o rural e o urbano como, por exemplo, a prática de atividades que envolvem o deslocamento até a cidade. Contudo, outros fatores reforçam a hipótese de uma “prisão” à localidade: a falta de acesso à informação; a cisão com relação aos valores sociais/simbólicos; ou ainda a presença de um *ethos* específico da vida campestre. Estas questões podem fazer com que as pessoas se mantenham resistentes a um estilo de vida que lhes oferece identidade ou, pelo menos, maior identificação ao que representa ser a vida do homem do campo.

Diversos aspectos demonstrados na pesquisa dizem respeito ao quão satisfatório é residir no ambiente rural, da existência do sentimento deste ambiente ser o adequado para permanecer vivendo e do quanto várias mudanças neste

ambiente foram e têm sido possíveis pela possibilidade de movimentarem mais diante da perspectiva da tranquilidade e da legalidade (ter a posse da CNH).

Capítulo 4: Discussão sobre o processo de desenvolvimento e aplicação do produto educacional: documentário

Após a aplicação do questionário e análise dos dados prospectados, foi realizada a seleção de 10 (dez) dentre os 45 (quarenta e cinco) participantes da pesquisa, que forneceram as informações mais representativas acerca da temática central. Dentre os 10 (dez) selecionados, 7 (sete) aceitaram, mediante livre consentimento e assinatura do Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos (Apêndice C), conceder novas entrevistas que foram registradas em imagem e som. Tais imagens capturadas foram editadas e deram origem a um documentário que versa sobre as percepções de cada entrevistado em relação à sua vivência no ambiente rural, bem como à uma reflexão sobre as mudanças ocorridas entre os tempos primórdios e o tempo presente, ou seja, vislumbrando como ficaram as suas vidas pós-conquista da CNH.⁴

Para o roteiro (Apêndice D), foi realizada a transcrição dos trechos mais significativos detectados nos áudios das 7 (sete) entrevistas selecionadas e concedidas e, como pode-se observar, algumas perguntas foram feitas em todas elas: "como você define a vida e o dia-a-dia na roça?", com o intuito de alavancar a vivência no ambiente rural e outras: "quais eram as dificuldades enfrentadas antes de ter a Carteira Nacional de Habilitação?", "o que a Carteira Nacional de Habilitação mudou na sua rotina?" e "Você considera que a Carteira Nacional de Habilitação, de alguma forma, influencia em não querer sair da zona rural? Se sim, explique o porquê" para trazer questões referentes às transformações a que o campo passou, ao longo do tempo, e como o fato de ter a posse da CNH ou conquistá-la, possa ter alguma importância para lidar com tais transformações. Perguntas diversas realizadas abrangeram particularidades reveladas em alguns depoimentos, igualmente relevantes e que haviam sido captadas também no momento da aplicação do questionário.

As gravações foram realizadas no dia 25 de maio de 2019, com apoio técnico da empresa Os3 Comunicação, responsável pela captação e edição das imagens e do som, sendo que as entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora a partir do

⁴ O documentário se encontra disponível na plataforma YouTube:
https://youtu.be/gM9_ecpq7VM

roteiro pré-estabelecido. Foram realizadas entrevistas nas comunidades rurais de Romeiro de Cima, Córrego da Areia Branca, Granada e Água Doce.

O intuito é que, posteriormente à defesa do trabalho, o referido produto educacional possa ser oferecido ao poder público em todas as suas esferas, e mesmo à população rural de Abre Campo, a fim de que possam ser construídas e/ou fortalecidas políticas públicas direcionadas ao ambiente rural, desde a melhoria das vias até o estabelecimento de serviços públicos que atendam às demandas da população.

Considerações Finais:

Este trabalho não teve a pretensão de encerrar as proposições levantadas acerca da temática envolvendo os ambientes rural e urbano, mas sim de evidenciar, através da obtenção/manutenção da CNH, a dinamicidade que há entre tais ambientes, tendo como cenário o processo da globalização.

A pesquisa encontrou, ao isolar o processo de obtenção/manutenção da CNH, que a maior facilidade quanto à mobilidade intensificou o movimento entre o rural e o urbano. Este processo, ao longo do tempo, alterou significativamente a percepção atual que o habitante do campo tem de sua vida, em se comparando com a vida pretérita, bem como de sua vivência neste (novo) ambiente.

Quando se diz de alteração na percepção, entende-se que toda a dinâmica acontece amparada pelas representações sociais e, consequentemente, por sua capacidade em determinar pensamentos e atos coletivos. Desta forma, o ambiente rural se manteve associado à ideia que se fez dele e que não condiz, necessariamente, com a realidade, mas sim com a sua representação, fortemente sustentada no imaginário social.

Uma delas diz respeito à não-compreensão de que economia rural é diferente de economia agrícola, conforme percebeu-se também através dos dados revelados na pesquisa com a população rural de Abre Campo. Ainda que estejam hegemonicamente ligados à produção agrícola, os resultados mostram que o campo não é lugar exclusivamente de lavoura e que há, portanto, um movimento ocorrendo quanto à diversificação de suas atividades correspondentes aos setores secundário e terciário.

Outro desentendimento é acreditar que o campo seja um ambiente "infestado" por motos (categoria A) quando, de acordo com a amostra pesquisada, a população rural de Abre Campo não a possui, em geral, como veículo "prioritário", visto que a grande maioria possui o carro (categoria B) aliado ou não à moto.

As questões referentes ao orgulho de se entender, no presente momento, como habitante do campo, em relação aos tempos primórdios e quanto a acreditar que a atual geração de habitantes do ambiente rural o percebe como melhor também em relação ao passado, evidenciam que há uma transformação acontecendo na representação social do campo.

Os resultados da pesquisa demonstram que as questões que apresentam uma maior divisão entre os respondentes são as relativas ao acesso à informação e aos valores sociais/simbólicos.

Com relação à informação, alguns participantes acreditam não terem o mesmo nível de acesso que as pessoas que vivem na cidade, principalmente pela dificuldade de inserção da internet em alguns locais ou pela dificuldade de tal acesso em virtude de uma parcela da população que encontra obstáculo para se locomover (por não possuir um meio de transporte) ou, ainda, por resistência. Contudo, respondem positivamente quando questionados sobre a influência da obtenção/manutenção da CNH no acesso à informação, demonstrando a importância da sua conquista enquanto fator que possibilita a movimentação e as trocas entre os ambientes, seja pelo advento e acesso às tecnologias de informação e comunicação, ou mesmo pelo fluxo facilitado de pessoas entre o campo e a cidade, no contexto da globalização.

Com relação aos valores simbólicos, alguns entrevistados acreditam valorizar mais uma vida tranquila, com acesso mais direto às pessoas, diferentemente da cidade, que é turbulenta, entrecortada pelas redes sociais e com um grande prejuízo nos encontros face a face.

Os dados encontrados referentes aos valores permitem inferir que, de fato, ocorre uma transformação no binômio campo-cidade, visto que a maioria acredita que os valores são compartilhados entre os dois ambientes, de modo igual ou parecido, ainda que não se apresentem como um bloco monolítico ou consenso. A maioria acredita que a sintonia de valores tem relação com o fato de se obter/manter a CNH, reforçando a percepção de que a mesma pode ser reconhecida como um dos instrumentos em voga no processo de transformação das representações sociais, especialmente por conferir a possibilidade de deslocamento entre as diferentes dinâmicas ambientais: campo e cidade. Não obstante, especialmente a partir dos depoimentos presentes no documentário que compõe o produto educacional deste trabalho, é possível identificar discursos que fazem referência à melhoria de questões atinentes ao bem estar, diretamente relacionadas às possibilidade de mobilidade garantidas pela CNH, combinado com a permanência no ambiente rural, sem que haja, portanto, uma corrosão do sentimento de pertencimento dos participantes em relação ao seu lugar.

No dinamismo observado entre os dois ambientes, percebe-se que houve uma mistura, uma hibridização cultural campo/cidade, em que um insere-se no outro com muito mais facilidade, influenciando as práticas antes autorizadas a apenas um dos ambientes e alterando, portanto, as noções comumente compartilhadas do que seja o rural e o urbano. Fica demonstrado, no entanto, que a população rural de Abre Campo não permite uma total hibridização, aparecendo movimentos esperados de resistência devido à insegurança cultural em desaparecer o que lhes confere maior identificação ou para preservação do *ethos* específico desta população e a consequente manutenção da sua autoestima etnocêntrica.

Referências

- ALENCAR, M. A. G. A identidade sertaneja na literatura regionalista: Euclides da Cunha, Hugo de Carvalho e Guimarães Rosa. **Revista de História Regional**. V. 17, nº 1, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/3274>>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.
- BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BIAZZO, P. P. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária. **4º Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa – ENGRUP**, São Paulo, p. 132-150, 2008 Disponível em: <http://www.guiaeturismo.inf.br/images/arquivos/joao/biazzo_p_p.pdf>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.
- CAMPOS, R. H. F. (org.) **Psicologia Social Comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 2015, 20 ed.
- CANCLINI, E. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução prefácio à 2 ed. Gêneses, 4 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- GÓIS, C.W.L. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: UFC, 1993.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2011.
- HESPANHOL, R. A. M. Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. 02 (2013), p.103-112. Disponível em <<http://www.mercator.ufc.br>>. Acesso em: 10 de set. 2015.
- JACINTO, J.M; MENDES; C.M; PEREHOUSKEI, N. A. **O rural e o urbano**: contribuições para a compreensão da relação do espaço rural e do espaço urbano. **Revista Percurso – NEMO**. Maringá, v.4, p. 173-191, 2012.

MAGALHÃES, W. L. O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre Baczkó e Bourdieu. **Revista de história.** Vol 8, n. 16. Jul – dez. 2016, p. 92-110.

MONTEIRO LOBATO, J. B. **Jeca Tatu** In: Obras Completas de Monteiro Lobato, vol 8. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951, p.331

MOSCOVICI, Sèrge. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NUNES, C. C; PINTO, V.P dos S. **Campo, Cidade, Rural e Urbano:** categorias e representações. 20 f. Dissertação do mestrado defendida pela autora no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora, março de 2009.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. Representações Sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (online).** São Paulo, v. 19, n. 55, p. 180-186, Junho, 2004.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. **Cálculo amostral: calculadora on-line.** Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Data da publicação: 2011. Acesso em: 21 de setembro de 2017.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo. Record, 2001.

REIS, D. S. dos. O Rural e o Urbano no Brasil. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, realizado em Caxambu, setembro de 2006.

TAVARES, L. A. As fronteiras físicas do espaço rural – uma concepção normativo-demográfica. **Revista RA&GA.** Curitiba, nº 7, p. 33-46, 2003.

VEIGA, J. E. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. Estudos Avançados vol. 15, n. 43, São Paulo. Set/Dez, 2001.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo. Schwarcz, 1990.

APÊNDICES

APÊNDICE A QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Nas questões de 01 a 05, marque o item adequado ao seu perfil sócio-econômico e nas questões de 06 a 20, marque o item que mais se ajusta ao que você pensa a respeito do assunto:

- 1) Quantas pessoas moram com você? (incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos) (Marque apenas uma resposta)

() Moro sozinho () Uma a três () Quatro a sete () Oito a dez
 () Mais de dez
- 2) A casa onde você mora é? (Marque apenas uma resposta)

() Própria () Alugada () Cedida
- 3) Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

() Da 1^a à 4^a série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 () Da 5^a à 8^a série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
 () Ensino Médio (antigo 2º grau)
 () Ensino Superior
 () Pós-graduação
 () Não estudei
- 4) Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

() Nenhuma renda.
 () Até 1 salário mínimo (até R\$ 954,00).
 () De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 954,01 até R\$ 2.862,00).
 () De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.862,01 até R\$ 5724,00).
 () De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5724,01 até R\$ 8586,00).
 () De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8586,01 até R\$ 11448,00).
 () De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 11448,01 até R\$ 14310,00).
 () Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14310,01).
- 5) Em que você trabalha atualmente?

() Na agricultura ou na pesca.
 () Na indústria.
 () Na construção civil.
 () No comércio.
 () Como funcionário(a) público.
 () Trabalho fora de casa em atividades informais.
 () Trabalho em minha casa informalmente.
 () Faço trabalho doméstico em casa de outras pessoas.
 () No lar (sem remuneração).
 () Outro.
 () Não trabalho.

6) Você considera que os habitantes do campo estão agora querendo mais a Carteira Nacional de Habilitação do que no passado?

() sim () às vezes () não

7) Você considera que o número de veículos no campo aumentou?

() sim () às vezes () não

8) Você considera que a atual geração de pessoas que vivem no campo acredita que a vida ali é melhor hoje do que antes?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

9) Você considera que o fato de um habitante do campo obter/manter a Carteira Nacional de Habilitação faz com que ele vá mais vezes à cidade?

() sim () às vezes () não

10) Você considera que os habitantes do campo têm o mesmo nível de informação dos habitantes da cidade?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

11) Você considera que as pessoas que vivem no campo gostam mais de estar ali do que no passado?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

12) Você considera que o fato de obter/manter a CNH ajuda os habitantes do campo a ali morarem?

() sim () às vezes () não

13) Você considera que seus filhos/seus sobrinhos/seus vizinhos ou alguma criança próxima a você e habitante do campo pode ter uma educação satisfatória se permanecer vivendo ali?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

14) Você considera que a atual geração dos habitantes do campo tem mais orgulho em dizer que são dali do que as gerações passadas?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

15) Você considera que a vida do homem do campo é melhor agora do que nas gerações passadas?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

16) Você considera que o campo hoje em dia pode ser pensado como um local de realização de outras atividades que não sejam somente as da lavoura do que no passado?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

17) Você considera que a maioria dos habitantes do campo está feliz por ali morar?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

18) Você considera que hoje é mais fácil se locomover do campo para a cidade mais próxima ou outras cidades em busca de educação, saúde e outros serviços sem precisar mudar-se para a cidade?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

19) Você considera que o que é importante para as pessoas do campo é parecido com o que é importante para as pessoas da cidade? Elas valorizam as mesmas coisas ou coisas bem próximas?

() sim () às vezes () não

*Em caso afirmativo, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo?

() sim () não

20) Você considera que o fato de obter/manter a Carteira Nacional de Habilitação é essencial para gostar de viver no campo?

() sim () às vezes () não

- Quanto ao fato de obter/manter a CNH ter facilitado a vida no campo (itens 6, 9, 12, 15, 18);

- Quanto ao fato de obter/manter a CNH ter equiparado a vida do habitante do campo com a vida do habitante da cidade (itens 7, 10, 13, 16, 19);

- Quanto ao fato de obter/manter a CNH ter feito com que se sinta melhor (itens 8, 11, 14, 17, 20).

Questões abertas:

- 1) Como você se sente quando sai do campo? O fato de obter/manter a CNH faz com que os habitantes do campo se sintam mais felizes de ali morarem?
- 2) O fato de obter/manter a CNH melhorou sua vida? Se sim, em quais aspectos?
- 3) Você se considera feliz morando no campo? Mudou algo do passado para agora, no seu entendimento? Se sim, o fato de obter/manter a CNH influencia de algum modo neste entendimento?
- 4) Você pensa em mudar-se para a cidade? Se não, o fato de obter/manter a CNH mudou algo neste entendimento?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

O (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “A OBTENÇÃO DA CARTEIRA NACIONAL DE HABILITAÇÃO (CNH) COMO INSTRUMENTO MODIFICADOR DO ÊXODO RURAL: UM ESTUDO DE CASO EM ABRE CAMPO. O objetivo desta pesquisa é avaliar como você percebe e vivencia o meio rural e a vida de quem nele vive, além de tentar entender a possível relação entre a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e possíveis alterações no modo de entender o meio rural, tais como: a CNH ter equiparado a vida do habitante do meio rural com a vida do habitante do meio urbano, em algum aspecto; ter auxiliado na fixação do habitante do meio rural ao seu ambiente; ter modificado o sentimento quanto a residir no meio rural e se isso lhe trouxe, como consequência, um maior bem-estar geral.

A realização desta pesquisa se justifica pelo fato de que não há muitos estudos que demonstram se a retirada da CNH possa causar alguma alteração no modo de entender a vida das pessoas que moram no meio rural, bem como se muda, de alguma maneira, o fenômeno social do êxodo rural.

O Sr. (a) receberá todos os esclarecimentos que se fizerem necessários ao início e decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não será divulgado, sendo mantido no mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). Informamos ainda que o(a) Senhor (a) terá o tempo que julgar necessário para a leitura e análise do TCLE, bem como para decidir sobre sua participação ou não na pesquisa antes de assiná-lo.

Esclarecemos que, a sua participação ou não nesta pesquisa em nada influenciará os seus resultados de aptidão ou inaptidão em relação aos exames para obtenção ou renovação da CNH, portanto, fique inteiramente à vontade para decidir-se pelo que melhor lhe convier.

A sua participação ocorrerá através de respostas a um questionário com 20 (vinte) perguntas fechadas (múltipla escolha) e 4 (quatro) perguntas abertas, referentes ao tema da pesquisa. Trata-se da sua opinião, portanto, não existe resposta certa ou errada. Fique à vontade para responder da sua maneira e para encerrar a entrevista em qualquer momento, sem que isso lhe cause qualquer

prejuízo, usando o tempo que julgar necessário. A realização será de forma sigilosa, entre a pesquisadora e você, sem a influência de qualquer outra pessoa, em um espaço reservado.

Informamos que entre os riscos em participar da pesquisa podemos considerar: o desconforto, stress, cansaço e/ou constrangimento com as perguntas realizadas, ou ainda, possíveis receios em relação à identificação, possibilidade de perda ou roubo do aparelho para gravação da entrevista. Para minimizar estes riscos informamos que você terá todo o tempo que julgar necessário, podendo não responder às perguntas que considerar inadequadas, pedindo explicações sobre as que não entenda ou interrompendo a entrevista, a qualquer momento, caso não esteja sentindo-se confortável. Ainda nesse sentido, garantimos que haverá absoluto anonimato em relação ao conteúdo de sua entrevista e que ela em nada influenciará as questões relativas à obtenção ou renovação de sua CNH, sendo a entrevista realizada em espaço reservado e sem influência de terceiros. Por fim, a gravação do áudio da entrevista em aparelho celular será transferida para um espaço de armazenamento na internet (google drive), ao qual somente a pesquisadora tem acesso e, imediatamente, o arquivo do celular será apagado, evitando-se o risco de divulgação indevida.

Caso surjam problemas decorrentes aos riscos, lhe encaminharemos, de forma integral e imediata, à atendimento psicológico particular, totalmente custeado pelos pesquisadores.

Os benefícios da sua participação serão as contribuições à pesquisa, uma vez que as suas respostas fornecerão informações para a construção do conhecimento sobre as possíveis mudanças no modo de ver o meio rural e fornecer o entendimento se a obtenção da CNH ajuda em tais mudanças e se facilita ou não a vida das pessoas que vivem no meio rural em seu ambiente, além de lhe trazer um prazer maior de viver neste ambiente. O estudo promoverá um maior esclarecimento sobre as forças do meio rural e facilitará a viabilização de políticas públicas, conforme se apresentarem os resultados da pesquisa.

Ao final da pesquisa faremos um documentário com depoimentos de alguns colaboradores que forem selecionados e aceitarem a participação de forma livre e espontânea. Caso o Sr. (a) seja um deles, em momento posterior, declarará ciência quanto ao uso da imagem e voz para divulgação e publicidade do trabalho, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens. As imagens e voz

poderão ser exibidas de maneira parcial ou total, em apresentação audiovisual, publicações e divulgações em diversos espaços, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultantes de pesquisas na internet e em outras mídias futuras.

Com relação à gravação do documentário, podemos identificar como riscos o desconforto, stress, cansaço e/ou constrangimento com as perguntas realizadas e a realização das filmagens, além de possível discordância em relação à edição das imagens. Para minimizar estes riscos, garantimos que você terá o tempo que julgar necessário para gravar seu depoimento, podendo não responder às perguntas que considerar inadequadas, pedindo explicações sobre as que não entenda ou interrompendo a gravação, a qualquer momento, caso não esteja sentindo-se confortável. Antes da finalização e exibição do documentário, ele será apresentado para você a fim de que possa autorizá-la, e avaliar a possibilidade de se excluírem cenas ou trechos de seu depoimento que não queira que sejam exibidos.

Caso surjam problemas decorrentes aos riscos presentes para as gravações do documentário, lhe encaminharemos, de forma integral e imediata, a atendimento psicológico particular, totalmente custeado pelos pesquisadores.

A sua participação é voluntária, portanto, não haverá pagamento por sua colaboração bem como o Sr. (a) não terá nenhum custo.

Apesar disso, diante de eventuais gastos em virtude da sua participação na pesquisa o Sr. (a) tem assegurado o direito ao ressarcimento destes gastos através de depósito em conta bancária, bem como, diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, o Sr. (a) tem assegurado o direito à indenização.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa, após sua conclusão, ficarão sob a guarda da pesquisadora por um período de no mínimo 5 (cinco) anos. Após isso serão destruídos ou mantidos na instituição.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora e a outra será fornecida ao Sr. (a).

Em caso de dúvidas a respeito da pesquisa, o (a) Sr. (a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável Luiz Gustavo Santos Cota, no horário de 19:00 às 23:00 horas de segunda a sexta-feira e de 13:00 às 18:00 horas aos sábados e domingos, pelo telefone: (31)99295-0604 ou pelo e-mail: lgscota@yahoo.com.br e/ou com a pesquisadora Raquel Rodrigues Marques de

Sousa, no horário de 19:00 às 23:00 horas de segunda a sexta-feira e de 13:00 às 18:00 horas aos sábados e domingos, pelo telefone: (31) 99567-5969 ou pelo e-mail: coachraquelmarques@gmail.com

As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou seus direitos podem ser esclarecidos através do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga, de segunda à quinta, das 14 às 17 horas e na sexta, das 13 às 16 horas, telefone: (31) 3817-2010, ramal 228 ou através do e-mail: cep@faculdadedinamica.com.br

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____ profissão _____, portador de documento de Identidade _____ e CPF _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “A OBTENÇÃO DA CARTEIRA NACIONAL DE HABILITAÇÃO COMO INSTRUMENTO MODIFICADOR DO ÉXODO RURAL: UM ESTUDO DE CASO EM ABRE CAMPO”, de maneira clara e detalhada. Esclareci todas as minhas dúvidas e sei que, se eu desejar, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão em participar da pesquisa. Declaro que concordo em participar da pesquisa, que autorizo a publicação futura dos dados obtidos com a mesma e declaro ainda que recebi uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Luiz Gustavo Santos Cota – Pesquisador Responsável

Raquel Rodrigues Marques de Sousa - Pesquisadora

APÊNDICE C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, _____, CPF: _____,
RG: _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso da minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, os pesquisadores Luiz Gustavo Santos Cota e Raquel Rodrigues Marques de Sousa, do projeto de pesquisa intitulado “A obtenção da Carteira Nacional de Habilitação como instrumento modificador do êxodo rural: um estudo de caso em Abre Campo” a realizar as fotos e/ou vídeos que se façam necessários e/ou colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, **LIBERO** a utilização destas fotos e/ou vídeos (seus respectivos negativos ou cópias) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados.

Por ser a expressão da minha vontade assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos autorais decorrentes dos depoimentos, artigos e entrevistas por mim fornecidos, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Ponte Nova, _____ de _____ de 2018.

Raquel Rodrigues Marques de Sousa

Nome completo do participante da pesquisa

APÊNDICE D

Roteiro de produção do documentário

Data: 25/05/2019- Abre Campo-MG

"A obtenção da Carteira Nacional de Habilitação como evidência das transformações das noções de rural e de urbano: um estudo de caso em Abre Campo"

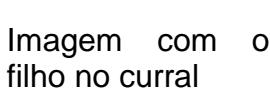
STATUS: ROTEIRIZANDO

| VÍDEO | ÁUDIO | Perguntas |
|--|--|---|
| Entrevista 1 Imagen: Postando fotos de artesanato em rede social | <ul style="list-style-type: none"> ● A carteira influencia na felicidade da gente morar na roça ● Pego a moto e com 10 minutinhos a gente vai e volta, a carteira facilitou muito ● Trabalho com artesanato e venho na rua vender. Se eu não tivesse a carteira não tinha como ● Hoje em dia o que a gente quiser fazer na roça a gente consegue. Eu tenho internet na minha casa, posto as fotos dos meus artesanatos e vendo pela internet. Eu venho na rua só entregar ● Eu tenho um cunhado que sofreu um acidente e teve a perna amputada. Eu trazia ele 3 vezes por semana na fisioterapia. Se não tivesse a carteira ele teria que vir morar na rua ● Me sinto muito feliz morando no campo. (Antigamente) tinha gente que tinha vergonha de falar que morava na roça. Eu me sinto muito orgulhosa ● O fato de ter a carteira influencia nessa minha opinião de não querer vir pra rua (mudar pra rua) | 1) Como você define a vida e o dia a dia na roça? 2) Quais eram suas dificuldades enfrentadas antes de ter a carteira de habilitação? 3) O que a carteira de habilitação mudou na sua rotina? 4) Você considera que a carteira de habilitação, de alguma forma, influencia em não querer sair da zona rural? Se sim, explique o porquê. 5) Como foi o período que você teve que levar, diariamente, seu cunhado à cidade para buscar tratamento, em virtude de ter tido a perna amputada? |
| Entrevista 7 | <ul style="list-style-type: none"> ● Morar na roça hoje é um paraíso | 1) Como você define a vida e o dia a dia na roça? |

| | | | |
|--|---|---|---|
| | <p>Tomando café com a família;</p> | <ul style="list-style-type: none"> ● A carteira é muito fundamental pra nós lá na roça. ● Pode levar as coisinhas na cidade pra vender, sem medo, sem nada, então ajuda muito (a carteira) ● Até pra trabalhar é mais fácil, a gente tem ferramentas. Antigamente tinha que capinar na mão, sofrer ● Eu não saio da roça, por nada ● Tem aquela confiança de botar a família dentro do carro e ir lá e voltar sem ninguém cercar a gente. | <p>2) Quais eram suas dificuldades enfrentadas antes de ter a carteira de habilitação?</p> <p>3) O que a carteira de habilitação mudou na sua rotina?</p> <p>4) Você considera que a carteira de habilitação, de alguma forma, influencia em não querer sair da zona rural? Se sim, explique o porquê.</p> |
| | <p>Entrevista 9</p> <p>Algum salgado feito pela entrevistada;</p> | <ul style="list-style-type: none"> ● Eu sou lavradora, faço faxina na casa de algumas pessoas e ainda trabalho de salgadeira e saio vendendo. ● Se eu não tiver a carteira vou ter que ficar só no meio da roça e vou ter que vender só pra quem é da roça. Não tem jeito de sair pra vender. ● Eu plantei batata, eu vendi batata. Eu mexi com tudo: doce, queijo muçarela, nozinho, rosca. ● Eu acho que é (essencial ter a CNH), senão todo mundo ia ficar preso lá, para vir à rua tinha que vir a pé, então ninguém ia querer ficar lá não. ● Hoje em dia é muito difícil quem não tem uma condução e um pedacinho de terra. Ele já tem um meio de transporte e de onde tirar o sustento, então ele vai querer ficar ali sim. | <p>1) Como você define a vida e o dia a dia na roça?</p> <p>2) Quais eram suas dificuldades enfrentadas antes de ter a carteira de habilitação?</p> <p>3) O que a carteira de habilitação mudou na sua rotina?</p> <p>4) Você considera que a carteira de habilitação, de alguma forma, influencia em não querer sair da zona rural? Se sim, explique o porquê.</p> |
| | <p>Entrevista 25</p> <p>Imagen do entrevistado com a CNH em mãos</p> | <ul style="list-style-type: none"> ● Trabalho na agricultura com os pais ● O número de veículos no campo aumentou, "percebo isso muito, já mudou bastante" ● Tendo a CNH vai mais vezes a cidade ● Na roça nem toda casa tem internet. Tem televisão, mas | <p>1) Como você define a vida e o dia a dia na roça?</p> <p>2) Quais eram suas dificuldades enfrentadas antes de ter a carteira de habilitação?</p> <p>3) O que a carteira de habilitação mudou na sua rotina?</p> <p>4) Você considera que a carteira de habilitação, de</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> a internet é bem melhor (informação) As pessoas gostam mais de viver no campo agora Ter a CNH ajuda a não pensar em mudar para a cidade A Carteira influencia no orgulho do homem do campo em dizer que é do campo | alguma forma, influencia em não querer sair da zona rural? Se sim, explique o porquê. |
| Entrevista 26 Mostrar uma cerca de arame, cavalo, etc... | <ul style="list-style-type: none"> Tem 10 anos que eu moro na Água Doce e que andei de bicicleta. Quando morava com meus pais só trabalhava. Vinha, no máximo, na rua duas vezes no ano". A vida do homem do campo é melhor agora do que antes Trabalho na agricultura, na pecuária, toma conta de um terreno do vizinho: "mexo com criação, faço cerca para ele... curo gado. Cuido do que é meu e cuido do que é deles também". Ter a CNH ajuda os habitantes do campo a ali morarem, sem precisarem ficar pensando em mudar para a cidade. A minha filha não queria tirar a carteira, mas eu falei com ela que precisava" Antigamente era tudo muito difícil: se precisasse mexer com cana, capim, era tudo no carro de boi e agora tem o carro a gasolina, caminhonete. O habitante do campo está feliz em ali morar e a ter a CNH influencia nisso | <ol style="list-style-type: none"> Como você define a vida e o dia a dia na roça? Quais eram suas dificuldades enfrentadas antes de ter a carteira de habilitação? O que a carteira de habilitação mudou na sua rotina? Você considera que a carteira de habilitação, de alguma forma, influencia em não querer sair da zona rural? Se sim, explique o porquê. |

| | | |
|----------------------|---|--|
| Entrevista 32 | <ul style="list-style-type: none"> ● Atualmente, tiro leite ● Eu tenho curso técnico de agropecuária. Estou cursando Educação Física, em Manhuaçu ● Já saí de casa, fui e voltei, morei fora, trabalhei longe, em área agrícola, mas eu trabalhei fora de casa. A cidade para mim é para trabalhar, mas para viver não. Se for para eu escolher, prefiro na área rural. ● As pessoas que da cidade valorizam viver lá para trabalhar. Eu acho que a maioria das pessoas da cidade vive para trabalhar e os do campo vivem no campo por gostar mesmo ● A vida do homem do campo está mais fácil, bem mais fácil: tem um carro, uma moto. ● A cidade é rotina, todo dia você pega um ônibus, fica duas horas, três horas, no ônibus ali parado, tem que levantar cedo, dorme tarde, você não vive. No campo, você almoça na sua casa, trabalha, quando acaba o horário de trabalho você conversa com a família. Se precisar voltar pro trabalho, volta e está em casa de novo: a vida é melhor ali. ● A CNH melhorou a vida, pois posso sair para onde eu quiser sair, não tem | <ol style="list-style-type: none"> 1) Como você define a vida e o dia a dia na roça? 2) Quais eram suas dificuldades enfrentadas antes de ter a carteira de habilitação? 3) O que a carteira de habilitação mudou na sua rotina? 4) Você considera que a carteira de habilitação, de alguma forma, influencia em não querer sair da zona rural? Se sim, explique o porquê. |
|----------------------|---|--|

| | | |
|---|--|---|
| | <p>obstáculo, medo de encontrar com algum policial, me pararem.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Não quero mudar do campo. Eu vou para a faculdade e volto todos os dias. Não quero arrumar um trabalho longe. | |
| Entrevista 44  | <ul style="list-style-type: none"> ● Eu trabalho na rua. Sou pedreiro ● Eu ando 6 km para trabalhar, vou e volto todos os dias ● A vida no campo antes era mais sofrida ● Antigamente o povo andava muito a pé, andava porque não tinha carteira. Muitas vezes não podia vir na rua, tinha que vir só até a entrada da rua e andar a rua toda a pé ainda. ● Acredito que a vida do homem do campo é melhor agora do que nas gerações passadas ● Antes tinham menos carros, agora tem mais. Tinham um carro mais velho, agora tem carro novo. Meu pai não tem muitos anos que tem moto. ● Ter a CNH me ajudou a movimentar, a passear. Dia de domingo pode andar mais, passear mais. ● Ter a CNH é essencial para viver no campo, "ajuda muito" | <p>1) Como você define a vida e o dia a dia na roça?</p> <p>2) Quais eram suas dificuldades enfrentadas antes de ter a carteira de habilitação?</p> <p>3) O que a carteira de habilitação mudou na sua rotina?</p> <p>4) Você considera que a carteira de habilitação, de alguma forma, influencia em não querer sair da zona rural? Se sim, explique o porquê.</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none">• Ficou mais fácil sair em busca de saúde, educação e outros serviços, sem precisar mudar-se para a cidade | |
|--|--|--|

APÊNDICE E

DVD Produto Educacional (documentário)

ANEXO A

PARECER CONSUBSTANIADO - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA FACULDADE DINÂMICA

FACULDADE DINÂMICA DO
VALE DO PIRANGA



PARECER CONSUBSTANIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A obtenção da Carteira Nacional de Habilitação como instrumento modificador do exodo rural: um estudo de caso em Abre Campo, Minas Gerais.

Pesquisador: LUIZ GUSTAVO SANTOS COTA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 88218518.1.0000.8063

Instituição Proponente: SESP SOCIEDADE EDUCACIONAL SUPERIOR DE PONTE NOVA LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.841.316

Apresentação do Projeto:

O presente protocolo foi enquadrado como pertencente à área temática: Ciências Humanas. Conforme resumo apresentado no formulário online:

O presente trabalho tem por objetivo averiguar as possíveis mudanças na representação social de rural, através do acesso à Carteira Nacional de Habilitação (CNH). O recorte amostral será de 45 (quarenta e cinco) pessoas e foi calculado a partir do número total de habilitados em 2017, no município de Abre Campo(3726 pessoas) em relação ao percentual correspondente à população rural do mesmo município, segundo o Censo de 2010 (45,3%) e considerando um erro amostral de 5%. Desta forma um universo de 45 pessoas, dentre aquelas atendidas nos serviços relativos à obtenção e/ou renovação da CNH, de quaisquer gêneros e residentes em área rural do município de Abre Campo/MG, serão convidadas e esclarecidas sobre os objetivos, benefícios e riscos dos estudos, a fim de que possam decidir se desejam participar. Com a concordância de participação, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ocorrerá a aplicação de um questionário semi-estruturado, que apresentará variáveis objetivas relativas ao perfil sócio-econômico-cultural do participante, além de questões abertas que versarão acerca das percepções e experiências de cada participante com relação às representações sociais existentes sobre o ambiente rural e seus

| | |
|-------------------------|--------------------------------------|
| Endereço: Rua G, 205 | CEP: 35.430-302 |
| Bairro: PARAÍSO | |
| UF: MG | Município: PONTE NOVA |
| Telefone: (31)3817-2010 | E-mail: cep@facultadedinamica.com.br |

FACULDADE DINÂMICA DO
VALE DO PIRANGA



Continuação do Parecer: 2.841.316

habitantes, bem como da possível associação entre a obtenção da CNH e prováveis alterações em tais representações. Não obstante, questões objetivarão a prospecção de a CNH ter ou não facilitado sua fixação no ambiente rural, ou seja, ter modificado, de alguma maneira, o fenômeno social do êxodo rural, bem como ter modificado seu sentimento quanto a residir neste ambiente, trazendo-lhe ou não maior bem-estar geral.

Origem do Projeto: Mestrado

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com os pesquisadores:

Objetivo Primário: Analisar se a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) constitui-se num fator de modificação do fenômeno social do êxodo rural, realizando um estudo das representações de rural e em contraposição, de urbano.

Objetivo Secundário: (i) Avaliar se a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação é um fator de alteração na representação social dos habitantes do ambiente rural; (ii) Averiguar se, havendo alguma alteração na representação social de rural, há conjuntamente um impacto no bem-estar, no sentimento de pertencimento e na fixação do homem ao ambiente rural; (iii) Quantificar o percentual de pessoas que obtém a Carteira Nacional de Habilitação e continuam no campo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores apresentam no formulário online os seguintes riscos: o desconforto, stress, cansaço e/ou constrangimento com as perguntas realizadas, ou ainda, possíveis receios em relação à identificação.

E os seguintes Benefícios: são as contribuições à pesquisa, uma vez que as respostas fornecerão informações importantes à construção do conhecimento sobre as possíveis mudanças no modo de ver o ambiente rural e fornecer o entendimento se a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação auxilia, de algum modo, em tais mudanças e se facilita ou não a vida do homem do campo no ambiente rural, trazendo-lhe um sentimento de pertencimento e, como consequência, a fixação do mesmo a este ambiente.

Avaliação: Os riscos e benefícios foram descritos adequadamente.

| | |
|-------------------------|--------------------------------------|
| Endereço: Rua G, 205 | CEP: 35.430-302 |
| Bairro: PARAISO | |
| UF: MG | Município: PONTE NOVA |
| Telefone: (31)3817-2010 | E-mail: cep@facultadedinamica.com.br |

FACULDADE DINÂMICA DO
VALE DO PIRANGA



Continuação do Parecer: 2.841.318

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Há previsão de resarcimento de gastos, conforme o expresso na Res. 466/12 IV.3.g / V.7.;

O presente estudo pretende analisar se a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) constitui-se num fator de modificação do fenômeno social do êxodo rural, realizando um estudo das representações de rural e em contraposição, de urbano. Para tanto, trata-se de uma pesquisa descritiva e diacrônica, que será dividida em duas etapas: uma de base bibliográfica, longitudinal retrospectiva; e outra, de campo, através da aplicação de um questionário com abordagem qualitativa, transversal de incidência. O estudo será realizado no Município de Abre Campo,

Minas Gerais, na Clínica Marques e Sousa Clínica Médica e Psicológica Ltda., devidamente credenciada junto ao Departamento de Trânsito de Minas Gerais (DETRAN-MG) para realização de avaliação psicológica e exame de aptidão física e mental a candidatos e condutores da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e outros especificados, em cumprimento à legislação que os abriga a serem submetidos aos mesmos. O recorte amostral será de 45 (quarenta e cinco) pessoas e foi calculado a partir do número total de habilitados em 2017 (3726 pessoas) em relação ao percentual correspondente à população rural de Abre Campo segundo o Censo de 2010 (45,3%) e considerando um erro amostral de 5%. Desta forma um universo de 45 pessoas,

com idade entre 18 e 60 anos, dentre aquelas atendidas nos serviços relativos à obtenção e/ou renovação da CNH, de quaisquer gêneros e residentes em área rural do município de Abre Campo/MG, serão convidadas e esclarecidas sobre os objetivos, benefícios e riscos dos estudos, a fim de que possam decidir se desejam participar. Com a concordância de participação, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ocorrerá a aplicação de um questionário semi-estruturado com questões que envolvem o presente estudo e dizem respeito à prospecção das percepções dos participantes sobre a relação entre a obtenção de a CNH ter ou não facilitado sua fixação no ambiente rural, bem como ter modificado seu sentimento quanto a residir neste ambiente, trazendo-lhe ou não maior bem-estar. Tendo em conta o objetivo principal acima descrito procedeu-se à construção de um questionário semi-estruturado, com 20 (vinte) perguntas fechadas e 4 (quatro) perguntas abertas. Nas 15 (quinze) perguntas fechadas posteriores às 5 (cinco) acima mencionadas, o formato dos itens só permite uma alternativa de resposta, com a possibilidade de uma escapatória central. Os tipos de respostas variam entre: sim, às vezes, não. A presente pesquisa ainda terá como um dos seus resultados a apresentação de um produto educacional em formato de documentário

| | |
|-------------------------|--------------------------------------|
| Endereço: Rua G, 205 | CEP: 35.430-302 |
| Bairro: PARAISO | |
| UF: MG | Município: PONTE NOVA |
| Telefone: (31)3817-2010 | E-mail: cep@faculdadedinamica.com.br |

FACULDADE DINÂMICA DO
VALE DO PIRANGA



Continuação do Parecer: 2.841.318

audiovisual composto por entrevistas e depoimentos de parte dos participantes, previamente selecionados a partir de dados coletados na primeira fase da pesquisa. Para que possa compor o documentário cada colaborador concederá direitos de uso de som e imagem. O objetivo deste produto educacional é dar visibilidade às possíveis transformações ocorridas no ambiente rural, especialmente aquelas relacionadas ao acesso à CNH.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Projeto exige autorização e ela atende aos requisitos:

- a) Papel timbrado ou carimbo que identifique a Instituição, e o local onde será realizada a pesquisa.
- b) O nome da Pesquisa foi inserido corretamente.
- c) Foi assinada pelo responsável pela instituição e há discriminado o nome e o cargo de quem autorizou.

Os Pesquisadores apresentaram os seguintes documentos:

- 1 - Projeto Detalhado
- 2 - Folha de Rosto
- 3 - Cronograma
- 4 - PB de Informações Básicas
- 5 - Roteiro para Entrevista
- 6 - Roteiro para Documentário
- 7 - TCLE
- 8 - Termo de Anuência
- 9 - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Documentário

Descrever considerações sobre os documentos: Os documentos apresentados estão de acordo com os padrões exigidos e abrangem a pesquisa como um todo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O colegiado está de acordo com o parecer do relator.

| | |
|-------------------------|--------------------------------------|
| Endereço: Rua G, 205 | CEP: 35.430-302 |
| Bairro: PARAISO | |
| UF: MG | Município: PONTE NOVA |
| Telefone: (31)3817-2010 | E-mail: cep@faculdadedinamica.com.br |

FACULDADE DINÂMICA DO
VALE DO PIRANGA



Continuação do Parecer: 2.841.316

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|---------------------|-----------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_1091898.pdf | 10/08/2018 21:10:01 | | Aceito |
| Cronograma | cronogramadapesquisa.docx | 10/08/2018 21:09:05 | LUIZ GUSTAVO SANTOS COTA | Aceito |
| Outros | roteirodокументario.doc | 10/08/2018 21:08:37 | LUIZ GUSTAVO SANTOS COTA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | projetodetalhado.docx | 10/08/2018 21:08:05 | LUIZ GUSTAVO SANTOS COTA | Aceito |
| Outros | questionariodepesquisa.doc | 20/06/2018 09:14:35 | LUIZ GUSTAVO SANTOS COTA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.docx | 19/06/2018 01:19:53 | LUIZ GUSTAVO SANTOS COTA | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderosto.pdf | 22/04/2018 16:34:27 | RAQUEL RODRIGUES MARQUES DE SOUSA | Aceito |
| Outros | termodeautorizacaodeusodeimagemede poimentos.docx | 17/04/2018 10:59:51 | RAQUEL RODRIGUES MARQUES DE SOUSA | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | termodeanuenciainstitucional.jpg | 17/04/2018 10:25:37 | RAQUEL RODRIGUES MARQUES DE SOUSA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTE NOVA, 24 de Agosto de 2018

Assinado por:
Juliana Hipólito Pessotti
(Coordenador)

| | |
|-------------------------|--------------------------------------|
| Endereço: Rua G, 205 | CEP: 35.430-302 |
| Bairro: PARAÍSO | |
| UF: MG | Município: PONTE NOVA |
| Telefone: (31)3817-2010 | E-mail: cep@faculdadedinamica.com.br |